

# RIZOMA

A tessitura narrativa de uma professora artista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

**SONIA BURGARELI PEREIRA**

Trabalho de conclusão de Curso submetido  
à Escola de Belas Artes da UFMG como  
parte dos requisitos necessários para a obtenção  
do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> ROSVITA KOLB BERNARDES

Coorientador

Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> GERALDO FREIRE LOYOLA

“Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (BENJAMIM, 1994, p.197, 198)

Esta narrativa se dá em pedaços e não segue uma linearidade tal qual é minha memória.  
Sou feita de pedaços, como uma colcha de retalhos, presente e passado se conectam e se sobrepõem  
e me empurram para o futuro.

Rememorar me apresenta o que sou, o que me tornei.  
As vezes lembro de coisas tão distantes de mim que tenho dúvidas se me apropriei da memória de alguém.

Mesmo minhas ou memórias de outros preciso destas lembranças  
para me sentir permanente e me construir e reconstruir.

E este processo ocorre pouco a pouco: em fragmentos.

Fragmentos estes que são também coletivos e retratam um período,  
um local, um ambiente, uma sociedade, portanto minha memória não é só minha;  
foram experiências vividas e compartilhadas.

Como professora e artista que sou construí ao longo de  
minha experiência uma teia de relações nas  
muitas escolas em que trabalhei, nas exposições que realizei,  
nas viagens que fiz; rememorar estes momentos e contextualizá-los  
com o presente me permitem perceber-me sujeito de minha trajetória.

Belo Horizonte, Junho de 2018

O eu que importa é aquele que há sempre além daquele que se toma habitualmente por sujeito: não está por descobrir, mas por inventar; não por realizar, mas por conquistar; não por explorar, mas por criar da mesma maneira que um artista quando cria uma obra. Para chegar a ser o que se é, tem que ser artista de si mesmo. (LARROSA, 2002b, p. 76)

## MEU OBJETO DE ESTUDO SOU EU EM CONTÍNUO PROCESSO

Nasci em 15 de outubro, na cidadezinha de Mirai, MG em 1962. Minha mãe queria me registrar Terezinha mas meu pai a convenceu que Sonia era um bonito nome. Coincidência ou não nasci no dia dos professores e na cidade que é conhecida pela música da professorinha de Ataulfo Alves: me tornei uma professora!

Esta não é uma narrativa narcísica; a escrita sobre mim é um exercício de rememorar e contribui fundamentalmente para expandir os horizontes do meu saber docente, a medida que vou experimentando e dialogando com estas memórias, passado e presente se entrelaçam e proporcionam uma aprendizagem. Vou rememorando e contextualizando fatos e processos e encontrando questões e respostas que servirão à práticas futuras. Neste exercício posso recriar e reordenar minha existência <sup>1</sup>.

Corpo e pensamento, mulher, artista, mãe, professora (fala, escrita, gesto, ideias e ações): não há distanciamento ou superposição hierárquica. Infinitas vezes me vi em um dilema por acreditar serem separadas essas, digamos, atribuições em meu cotidiano e, por crer priorizar sempre o ser mãe. Não foram poucas as dúvidas e inseguranças que vivenciei ao responder sobre mim, minhas aptidões e profissão. Pensava: sou mãe, a mulher, artista e professora vinham na bagagem.

Sei que no imaginário da sociedade hegemônica masculina o papel da mulher é de procriar e educar os filhos e ainda que minha geração tenha buscado libertar-se deste modelo, mesmo que inconscientemente algumas pessoas continuam a reproduzi-lo. Foi esta minha criação e mesmo que eu discordasse, estava introjetado em mim, se eu não priorizasse meus filhos vinha o sentimento de culpa me perturbar; talvez pela longa herança cultural do tripé institucional Família, Igreja e Escola<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> É também o território de recriação e de reordenamento da existência –um testemunho de riquezas afetivas que o artista oferece ou insinua ao espectador, com a cumplicidade e a intimidade de quem abre um diário (CANTON, 2009, p.22)

<sup>2</sup> No Livro "A Dominação Masculina" 1999, Pierre Bourdieu explica a violência simbólica, ele aponta as instituições que sustentam esta violência: a família ao reproduzir a visão masculina da divisão do trabalho, a Igreja que coloca o feminino de forma negativa; a pecadora, a adúltera, e que age inconscientemente nas estruturas do pensamento feminino a fim de inferiorizá-lo e reduzi-lo a condição de submissão ao masculino. E a escola que transmite toda a cultura da sociedade patriarcal.

Esta percepção acerca de mim como mulher e mãe, e minhas produções artísticas, mudaram à medida que refletia sobre minha relação com a arte e com a docência<sup>3</sup>. Com meus filhos adultos e após anos como professora artista pude me enxergar como um todo. Compreendo hoje a mãe, artista, mulher e professora de arte que sou. Esses papéis sociais que represento se retroalimentam e são indissociáveis em mim. Se meu objeto de estudo sou eu própria posso refletir criticamente a experiência que vivi e que vivo e compartilhar este processo<sup>4</sup>.

Eu tenho consciência que não sou eu sozinha nessa reflexão; trago para discussão uma teia de relações experimentadas e tenho a possibilidade de reconstruí-las me posicionando pra um novo devir: “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55).

<sup>3</sup> O desafio que se perfila no horizonte de um projeto de conhecimento reside, neste ponto da reflexão, na capacidade de cada um viver como sujeito de sua formação, em outras palavras, de fazer tomadas de consciência não somente para a reivindicação de ser sujeito, mas para sua realização, por mais difícil e frágil que possa ser (JOSSO, 2010, p. 27).

<sup>4</sup> A narrativa de si não é relato do que se passa com alguém, mas a construção de como o sujeito se percebe e se apresenta; é um processo contínuo que não se fixa em um papel ou em um arquivo digital, não é somente um discurso, mas algo que deixa marcas e memórias em fluxo. Mais que escrever ou gravar palavras e sons, é firmar compromissos de vida consigo mesmo e com quem compartilha sua vida (PIMENTEL, 2017, p.307).



Mirai

Cidade onde nasci

## LUCY: A FORÇA MOTRIZ

O meu olhar diferenciado sobre a rotina diária e de como eu fazia dessa um recurso de pesquisa simplesmente por que, absolutamente tudo transformava-se em repertório e laboratório pra mim. Seja no ato de eguer a cortina, de guardar os talheres ou me vestir. Em tudo via e vejo além do que se coloca. O verde das plantas, as árvores, pingos do sol no chão coberto de folhas no início do inverno. O amarelo/sol que me traz Van Gogh, as dobras de uma colcha que induzem a uma performance, o cheiro de mato que me faz construir poemas mentais, a escrever ou pintar.

Penso que sempre fui assim! Me gosto assim!

A pessoa que me proporcionou a minha primeira experiência estética foi minha eterna professora. Ela era muito rígida mas tinha o perdão no olhar e o acolhimento nas mãos. Fazia tudo com esmero e em sequência como se seguisse um caderno de receita.

Contava histórias enquanto fazia suas tarefas, tocava violão, costurava, bordava e desenhava.

Não esqueço dos desenhos de animais que ela fazia. Ela sempre começava o desenho por uma parte inesperada. Se desenhava um cavalo, começava pelas patas, barriga, tronco e eu ficava tentando adivinhar. É um porco? Um burro? Uma vaca? Eu nunca acertava e ela sorria.

Mais tarde entendi que era uma brincadeira dela, mesmo se eu acertasse e ela estivesse desenhando um cavalo, ela acrescentava outros traços e transformava em uma vaca.

Ela separava as linhas por cores e tamanhos e organizava nas gavetas da sua máquina de costura e quando íamos pegar uma linha ou tesoura ela dizia: já vão “torrar farinha” nas minhas gavetas. Mas o que era torrar farinha? Coisa boa não era pois seu tom de voz mudava e ela ia rápido pegar o que queríamos para não mexermos nas gavetas.

No quarto tinha um baú de madeira onde eram guardados as roupas de cama, mesa e banho. Neste quarto dormíamos e ela costurava. Quando nos colocava de castigo, era sentados em cima deste baú. Pra mim o castigo não era ruim; eu abria o baú ia tirando as toalhas, lençóis e ia dobrando cuidadosamente e organizando. Ela ficava feliz.

Minha mãe com sete filhos para criar e sem a presença de meu pai não perdia a esperança. Costurava para muitas pessoas da cidade. Sempre entrando e saindo moças e senhoras a procura dos serviços de minha mãe. Assim ela nos sustentava. Morávamos em uma casa na vila em Miraí, Minas Gerais, com um grande quintal e o rio passava nos fundos do terreno. Tinha mangueiras, goiabeiras, laranjeiras, bananeiras e muitos passarinhos!

Lembro do perfume na época das floradas das goiabeiras e laranjeiras e da quantidade de borboletas que surgiam. Quando minha mãe ia regar a horta eu ia junto. Ela me contava das cores das borboletas, dizia que elas vinham do arco-íris. Era tão verdadeiro o que ela falava que desejo acreditar até hoje só para trazer a presença dela de volta.

Sempre íamos ao sítio onde nasci, meu avô e meus tios moravam lá; eu andava a cavalo e sentia o vento com cheiro de mato refrescando meu rosto.

Este era meu mundo e eu era feliz mesmo sentindo a falta do meu pai. Ele nos deixou quando eu tinha 5 anos e quando eu perguntava por ele minha mãe dizia que ele estava viajando.

Quando vim para a “capital” em 1968 sentia muita falta do verde! Sempre que possível íamos para o sítio e eu matava a saudade. Nunca perdi este contato com a terra, a mata, os passarinhos...

E ele foi porta a fora  
e fechou nos meus olhos o preto do seu terno.  
Ele estava de terno. Disso eu bem lembro.  
Não sei porque não voltou, penso que fiz muita malcriação e pirraça de transbordar paciência.  
Pai não devia partir de decisão própria só de mandança do destino pra terra adentro.  
Sinto o carinho perdido nas noites de gripe, de dor de barriga e de frio.  
Faltou a voz firme do apreço daquele que tem importância na gente.  
Faltou o castigo merecido e o calor da mão que se contém na brabeza.



Lucy 1922-2008

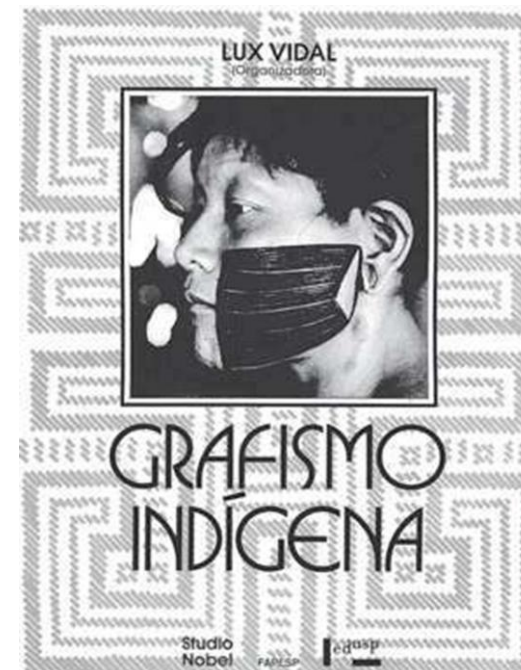
## O GRAFISMO ME SEDUZIU

Minha ligação com a natureza sempre foi algo muito forte. E este contato com a natureza me leva de volta as minhas origens. Nasci na área rural na zona da mata em uma casinha de adobe no sítio de meu avô Eliziário. Não havia energia elétrica e lembro-me de noites enluaradas com a “sinfonia” dos grilos e sapos. Percebi que ao buscar motivações, incentivos, estímulos e respostas fora do meu entorno e convívio, mergulhava sempre na natureza (nas árvores, nos bichos, na terra, nos rios) assim retornava para dentro de mim, para as minhas memórias.

Sempre fui fascinada pela natureza exuberante que nos cerca. Olhar uma árvore, poder tocá-la me emociona. Subir uma montanha e lá de cima olhar o entorno me revitaliza. Com o passar dos anos, ao longo do percurso que fazia para ir ao sítio dos meus tios no interior de Minas Gerais, fui vendo as matas diminuindo dando lugar a grandes áreas de pastagens para criação de gado. Sentia um oco por dentro do peito que preenchia com pinturas e desenhos de matas, árvores e bichos.

Mais tarde fui morar na região amazônica e presenciei estarecida a derrubadas de grandes florestas para novamente dar lugar ao agronegócio. Inconformada sempre retratava o que via em minhas pinturas como forma de denúncia. Nesta época iniciei uma pesquisa sobre grafismos indígenas brasileiros pois me chamava a atenção os desenhos que os índios faziam no corpo. Pra mim tem uma pujança e me exercem um grande fascínio.

Estudei o livro de Lux Vidal, Grafismo indígena: estudos de antropologia estética (imagens ao lado, capa e pagina do livro), neste livro vi que cada etnia tinha um grafismo diferente com cores próprias que representavam rituais, ou clãs diversos com suas especificidades, um clã com um traço vertical o outro horizontal, em uma parte específica do corpo. A autora descreve várias etnias com seus



padrões gráficos de pintura corporal. Fiquei entusiasmada com o que li e comecei a reproduzir os grafismos como rabiscos em todo papel que tinha por perto.

Nesta época iniciei pinturas dos animais que víamos cotidianamente, no quintal da minha casa, nas estradas, nos parques, e nos igarapés. Era comum irmos nadar nos muitos igarapés da região; tínhamos um barco de alumínio e nos finais de semana eu, marido e filhos nos divertíamos nos rios. Pintava recortes de animais em meio a colagens de propagandas e marcas de produtos que recortava de revistas, depois imprimia sobre a pintura em traços rápidos, os grafismos que vi no livro de Lux Vidal.

Fiz cópias de algumas páginas com grafismos do livro de Lux Vidal e trabalhei com meus alunos do Ensino Fundamental, anos finais, os significados destes grafismos e falei da pesquisa deste livro; eles se empolgaram e quiseram criar grafismos. Então propuz que o fizessem dando significados aos grafismos criados.

Esta ação teve vários desdobramentos: levei duas pinturas que havia feito com grafismos indígenas para eles conhecerem meu trabalho. Eles opinaram sobre o trabalho, uns não gostaram, outros perguntaram a tinta que usei e como fiz, queriam ver o outro lado da tela, perguntaram sobre o tecido.

Depois criaram vários grafismos; um aluno fez um grafismo muito colorido cheio de detalhes e veio me mostrar:

—Aí professora acabei. O meu ficou muito mais bonito que o da senhora tá vendo?

E realmente o trabalho estava muito bem feito e claro, eu concordei com ele. Juntos eu e os alunos fizemos um mural com os grafismos e eles decidiram o local da escola que queriam afixar .

## TRABALHOS COM GRAFISMOS INDÍGENAS BRASILEIROS DA SÉRIE “ANIMAIS SILVESTRE DO BRASIL”

TRABALHOS COM GRAFISMOS INDÍGENAS BRASILEIROS DA SÉRIE ANIMAIS SILVESTRE DO BRASIL

TÉCNICA MISTA



"LOBO GUARÁ NA SERRA DA CANASTRA"



"TATU CANASTRA"



"ALEGRIA DA PREGUIÇA"



"TUCANO A PASSAREINHO"

## SOU MOVIDA PELA ARTE

Acreditava que a licenciatura seria mais fácil pra conciliar família e trabalho. A minha pré disposição para a docência em arte desde a infância me dava muito conforto e segurança pois brincava de ensinar (de escolinha, tinha intimidade com desenhos, tintas, pinceis, cores, colagens de folhas, flores. Não percebia que era a artista que se movia em busca do seu lugar e que não era nada confortável e seguro, pelo contrário: era justamente o desafio que me seduzia e impulsionava.

O mais interessante é que não me assustava nem um pouco o fato de eu ter uma deficiência visual importante. Fui perdendo a visão a partir dos 10 anos, gradativa e rapidamente. Aos 18 já tinha indicação para transplante de córneas. Óculos não corrigia minha visão; era necessário o uso de lentes de contato especiais e eu podia ficar poucas horas com elas pois, provocavam úlceras em minhas córneas que já eram muito frágeis.

Era comum eu usar curativos nos olhos alternadamente; enquanto um se refazia de uma úlcera e por isso ficava ocluído o outro olho “funcionava”. Assim consegui estudar com muita dificuldade e mais tarde consegui realizar os transplantes que me deram uma visão satisfatória. Não foi fácil e ainda hoje tenho que me submeter a cirurgias para corrigir a visão.

Mesmo com a deficiência visual, fiz na adolescência um curso de Figurinista de Moda no Senac-BH e trabalhei na área como estilista em lojas de tecido no centro de Belo Horizonte. Na década de 80 era comum em todas as lojas de venda de tecidos ter um estilista para desenhar para o cliente. Trabalhei em algumas lojas e depois em fábricas de roupas; com a experiência que adquiri fui contratada para trabalhar no Espírito Santo e lá fiquei por 7 anos.

Neste tempo me casei, tive filhos e dava aulas de Desenho de Moda e Desenho Artístico no Senac de Vitória/ES, além de desenhar para algumas confecções como *freelancer*. Um período muito

corrido. Voltei para Belo Horizonte decidida a fazer uma faculdade de artes, queria ser professora habilitada. Mesmo assim ainda trabalhei como estilista *freelancer* durante um ano e meu último trabalho foi a coleção da grife UFMG.

Logo depois passei no vestibular para o curso de Educação Artística na Fundação Mineira de Arte - FUMA - que mais tarde se tornou UEMG. Me graduei em Educação Artística em 1996 e imediatamente fiz uma especialização em Didática onde pesquisei sobre metodologia do ensino de arte e entrevistei professoras de arte em Belo Horizonte. Me deparei com professores de geografia, história, pedagogos e até licenciados em matemática lecionando Arte.

Professores esses preocupados em dar tarefas para colorir, fazer dobraduras e “releituras” de artistas como Picasso por exemplo. Não havia nenhuma proposta de experiência estética e sensível<sup>1</sup>. Na época estes professores nem conheciam Ana Mae Barbosa e a Proposta de Abordagem Triangular<sup>2</sup> e eu recém formada estava com muita teoria, louca para ir para sala de aula. Tive então mais certeza que era uma ótima “profissão” pra mim, imaginando o que eu poderia experienciar junto a estes alunos.

<sup>1</sup>...é fundamental que o Professor seja uma pessoa envolvida com arte, que seja capaz de provocar estímulos e não apenas cumprir tarefas e distribuir atividades para os alunos. Quanto maior o envolvimento estético do Professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e de senso crítico.(LOYOLA, G. 2016, p. 14 e 15).

<sup>2</sup>A proposta de abordagem triangular contempla vários pontos de ensino/aprendizagem em arte ao mesmo tempo: leitura da imagem (análise, interpretação e julgamento), Contextualização (quando foi realizado, qual material, motivos se houver...) e prática artística (o fazer)(BARBOSA, A.M, 2009) .

Enxerguei em pixels antes mesmo do HD. As cores eram partículas que se fundiam e me confundiam seus limites.

Visão em 3 D.

O que me proporcionou isso?

Foi o Ceratocone.

-O que você tem nos olhos mesmo menina?

-CERATOCONE.

- Mas você não enxerga nada?

-Enxergo tudo só que diferente.

-Mas porque você precisa de ajuda para atravessar a rua?

-Ah porque vejo as cores tão brilhantes que meus olhos doem então eu fecho para aliviar.

## DIVULGAÇÃO BOLETIM UFMG LANÇAMENTO COLEÇÃO

**BOLETIM UFMG**

Revista da Fundação Universitária Mendes Pinheiro - Nº 37 - Setembro - 1994

### Vem aí o "Colação de Estudante"

**P**rojetado por uma comissão de professores e alunos, o Colação de Estudante é uma iniciativa que visa proporcionar aos estudantes da UFMG um momento de confraternização e troca de experiências. O evento será realizado no dia 15 de outubro, às 18h, no Auditório da Faculdade de Medicina. A entrada é gratuita e a participação é livre.

**ESPAÇO ABERTO**

O Espaço Aberto é um espaço destinado à expressão de opiniões e ideias dos estudantes. É um espaço de diálogo e troca de experiências. O Espaço Aberto é aberto a todos os estudantes da UFMG. A participação é livre e a expressão de opiniões é incentivada.

**Griffe UFMG diversifica produção investindo nas linhas aeróbica e de natação**

Ilustrações de roupas aeróbicas e de natação.

**Infecções**  
Bacilo - nada como tratá-las  
pág. 4

**Doação de Sangue - um exercício de solidariedade**  
pág. 5 e 6

**RECEITA DE SAÚDE MENTAL**  
Apresentamos a ação profissional  
pág. 8

**BOLETIM** SETEMBRO DE 1994 **3**

## Em outubro, a coleção de verão da griffe UFMG

Inovando nas peças, texturas e diversificando a produção, está marcada para o mês de outubro o lançamento a linha under wear e lançamentos na linha aeróbica e de natação, masculina e feminina, a grande novidade da coleção de verão da griffe UFMG.

arrojadas da estação. Criada pela estilista **Sônia Burzagli**, predomina na coleção tons crus, as listras em diversas combinações, as malhas com linho e o fio indigo, sempre de acordo com a proposta da griffe de fazer uma moda prática, confortável, descontraída e de bom gosto, segundo as necessidades do dia-a-dia da clientela potencial - alunos, funcionários e professores da UFMG. E de quem mais usar.

A partir do lançamento, em data e local a serem definidos, a coleção estará à venda nos dois endereços da Cooperativa Médica: Avenida Bernardo Monteiro, 809 (próximo à Santa Casa) e na loja do ICB - campus Pampulha.

mostra. Serão também lançados cintos, chaveiros, mochilas, pastas, porta-agenda, carteiras, botinhas e tênis, dentro das tendências mais



### COLEÇÃO DA GRIFE UFMG

## ESCOLA RURAL: PARQUE DE DIVERSÃO

Em 1997 me mudei para um sítio na cidade de Rio Manso a 70 km de Belo Horizonte. Próximo a meu sítio havia uma escola rural com 16 alunos divididos entre a 1ª e 4ª séries do Ensino Fundamental. Eram duas salas de aula e dois professores, um ficava com a 1ª e 3ª em uma sala e o outro com a 2ª e 4ª séries na outra sala.

Lecionava nesta escola sempre que um dos professores estava de licença ou faltava. E as faltas eram frequentes pois estes professores vinham da cidade de Rio Manso, 13 km da escola e quando chovia por exemplo, a estrada de terra ficava intransitável. Foi uma experiência maravilhosa. Tinha total liberdade de criar com os alunos desde que eu seguisse o conteúdo proposto.

Então nas aulas de ciências e geografia explorávamos o quintal. Relevos, clima, espaços, limites, organismos, plantas, bichos... tudo era objeto de estudo. Nas aulas de história e português eu lia o capítulo do livro junto com eles, estudávamos o assunto, eles faziam perguntas e opinavam. Depois sugeria que escrevessem uma história que aconteceu com eles, e depois podiam ler para a turma e corrigíamos os erros de português juntos.

Nas aulas de matemática usávamos as frutas da merenda, pedrinhas que catávamos no terreno para fazermos as operações, jogávamos “belisca” (Jogo com 5 pedrinhas onde se joga 1 para cima e tenta pegar as outras, usa-se uma das mãos apoiada na superfície com os dedos afastados e entre eles coloca-se as pedrinhas), separávamos folhas por tamanho, cor e formato.

Como eles não tinham aulas de arte permeava todos os conteúdos com ações lúdicas e artísticas.

Quando penso uma ação para desenvolver com os alunos, busco na minha memória tudo que me seduzia e encantava na escola. Encontro um referencial imagético abundante e feliz. Talvez este encantamento se dava por ter vindo de origem humilde, família muito pobre, muitos irmãos em

casa e onde os materiais escolares eram escassos e a vida difícil. Eu encontrava na escola meu “parque de diversões”: os livros, os professores, os colegas, as brincadeiras e a merenda deliciosa. Era outro mundo... o mundo da fantasia.

Me via em cada aluno daquela escola rural e me deleitava com o que eles me ensinavam. Imaginem aquele tempo dilatado em que podemos saborear saberes escondidos por traz das histórias que as crianças nos contam? Era assim ouvir as histórias desses alunos. Saberes que não se encontram nos livros mas que fazem um viver menos complicado, menos sofrido e mais encantador. Eles rememoravam situações por ele vividas e ao escreverem se colocavam de forma crítica e bem humorada. Sem saber já os incentivava a escrita de si como exercício de aprendizagem<sup>1</sup>.

Em meus trabalhos artísticos eu leio a natureza e transformo esta leitura em esculturas, pinturas, objetos. Então em uma das aulas propuz a ação de lermos a natureza.

–Vamos ver o que a natureza nos conta? Falei.

E eles entenderam muito bem; penso que é porque quem vive na área rural segue o ritmo que a natureza oferece! Fomos para fora da sala observar e anotar. Surgiram coisas interessantes:

–O vento avisa que a chuva vai chegar!

–O milharal pede água!

–O riacho disse que lá em cima passou uma boiada!

–A pedra contou que o sol esta quente!

–A estrada (estrada de terra) contou que passou um carro agorinha!

<sup>1</sup> O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da *formação*, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56. Grifos da autora).

Após esta experiência propuz que desenhassem o que tinham observado e escrito com tinta que havíamos feito dias antes a base de terra. Desenharam um vento com pingos de chuva, um regador, o riacho com água da cor de barro, os raios do sol na pedra, e um pneu de carro...

Penso no quanto nós professores artistas podemos proporcionar de experiências estéticas olhando ao nosso entorno, estimulando a imaginação dos alunos e desenvolvendo propostas a partir do universo destes alunos<sup>2</sup>.

Não foi preciso nenhum aporte de livro, recurso eletrônico ou tintas industrializadas por exemplo. O material didático foi a proposta de observação e relato da natureza, desenhos a partir de tintas a base de terra coletadas e feitas pelos próprios alunos<sup>3</sup>.

<sup>2</sup> A arte na educação infantil lembra outros jeitos de estar no mundo, de perceber as coisas, de experimentá-las e expressá-las; jeitos por meio dos quais, com pedras, galhos, folhas, por exemplo, pode-se desenhar na areia ou, ao contrário, jeitos de ser e estar em que pedras, galhos, folhas podem ser enterrados na areia, para ver o que acontecerá no outro dia... Discutir possibilidades do trabalho com a arte implica levar em conta os modos próprios das crianças pequenas de ser e estar no mundo( BERNARDES e OSTETO, 2016, p.41).

<sup>3</sup>... na perspectiva do estímulo à reflexão e à imaginação que se propõe a abordagem e o pensamento sobre materiais didáticopedagógicos, com ideias, proposições e provocações que possibilitam conexões com outras ideias para se desenvolver experiências significativas com os alunos( LOYOLA, G. 2016, p.30)

–Professora meu Vô falou que a lua é um queijo.

–Posso contar esta história?

–Pode sim Cleitom, mas você acha que a lua é um queijo?

–Acho não professora.

–Por que não Cleitom?

–Por que tinha um queijo na mesa da cozinha e eu apaguei a luz e não lumiô nadinha.



A ESCOLA RURAL EM QUE TRABALHEI ERA IGUAL A ESTA

## O DESEJO DE FAZER DIFERENTE

Lecionava o componente arte para 12 turmas de 1º ano do Ensino Médio em uma Escola Pública no Bairro Santo Agostinho em Belo Horizonte quando resolvi fazer novamente o ENEM. Já havia feito anteriormente com o intuito de discutir com os alunos sobre as provas. Era o ano de 2013 e sentia necessidade em voltar para a faculdade e fazer uma graduação a fim de aprender pintura. Fui aprovada e iniciei meus estudos em março de 2014 na Escola de Belas Artes da UFMG. Resolvi então me dedicar exclusivamente à graduação e a minha produção artística.

Mesmo que eu tenha feito outra graduação a experiência desta vez era outra e diferente pois, eu já tinha um trabalho, já havia conquistado um pequeno espaço, lecionava artes há mais de 15 anos, havia participado de exposições. Tinha maturidade e alguma experiência na área mesmo assim estava empolgada e me sentia como uma jovem iniciante; me concentrei em ser apenas mais uma aluna.

Fiz a opção de habilitação em pintura porém depois de algum tempo vi que aquele lugar não era pra mim. Me sentia sufocada, não conseguia trocar experiências. Parecia-me que as pessoas ali estavam paradas em um tempo passado, ou inexistente ou que existisse apenas na cabeça delas ou em livros e revistas de arte de publicidade, vitrine e glamour.

Presenciei colegas talentosos com desenhos criativos e expressivos terem seus trabalhos rechaçados por alguns docentes por se tratar de desenhos de quadrinhos, mangá ou ilustrações de super heróis. Eu pensava: por que não direcionam e orientam estes jovens ao invés de descartar o trabalho deles? Conheci alunos que abandonaram o curso e muitos que tiveram depressão por esta falta de acolhimento, somado a outros fatores como distância da família, ambiente hostil, dificuldade financeira, solidão...

Um professor de ensino superior não precisa cursar as disciplinas pedagógicas? Porque optam pelo bacharelado e fazem depois o mestrado em artes visuais e já começam a lecionar n'uma habilitação sem nenhum arcabouço pedagógico? Sim são excelentes artistas (não é a questão) mas estão preparados para a docência? E posso indagar o inverso; um licenciado em artes visuais que não vivencia a prática artística, está apto para lecionar artes<sup>1</sup>?

Refleti várias vezes: o que estou fazendo aqui? Eu vim aprender o quê? Claro que pensei em desistir mas dentro de mim pulsava um desejo de descobrir o novo. Um desejo que me perseguia nos sonhos me fazendo sentir incompleta. Que desejo este que me espetava, me tirava do eixo, me fazia perder a hora, passar do ponto de descer do ônibus? E não estava dormindo mas imaginando, fantasiando uma realidade. Imagens da minha infância, de lugares onde visitei, de sorrisos e lágrimas, de encontros e abandonos, imagens em cores e preto e branco. Seriam estas imagens psíquicas se revelando para eu dar privilégio aos desejos da minha alma<sup>2</sup>?

<sup>1</sup> Os desafios em Arte exigem a imersão tanto na atividade artística como na de fruição. Os desafios em ensino/aprendizagem em Arte exigem a imersão na atividade artística, na de fruição e na pedagógica. Inter-relacionar as três imersões de forma balanceada, sem que uma delas seja deixada de lado ou anule as outras é o grande desafio (PIMENTEL, 2016, P. 18).

<sup>2</sup> Para Hillman em O pensamento do coração e a alma do mundo, a sustentação da alma está na imaginação. Segundo ele a psique é a alma e as histórias da alma se constroem através das imagens e imaginação (HILLMAN, 2010).



INSTRUMENTOS DE TRABALHO DA ARTISTA

2016



## TEM COISAS QUE OUVIMOS AO LONGO DE NOSSA FORMAÇÃO QUE SEMPRE VOLTAMOS PARA ELAS

Encontrei pessoas fundamentais para que eu me certificasse de minhas escolhas. Uma foi a professora do 1º ano do Ensino Médio que me orientou a desistir do desenho já que eu tinha uma deficiência visual. Ela me disse que as imagens são a base das artes plásticas, e eu não conseguia enxergar. Não seria o momento de ela me falar da importância da imaginação?<sup>1</sup> Claro que nunca me esqueci dela! O que ela me disse é um grande exemplo do que não devo falar nunca para meus alunos.

Outra professora eu estava já na graduação (Educação Artística /UEMG) e me disse que seria quase impossível eu me dedicar aos filhos e a arte; para ela eu teria que fazer uma escolha.

Vez por outra tinha que levar meus filhos para a faculdade, deixava-os no final da sala com papéis e lápis de cor e eles fiavam quietos aguardando o término da minha aula. Os professores permitiam, talvez por que meus filhos ficavam quietos. Mas esta professora ficava incomodada com a presença deles por isso eu passei a faltar as aulas dela quando não tinha com quem deixá-los. Gostaria de encontrá-la hoje para lhe dizer que não tenho como escolher entre mim e eu. Impossível separar a Sonia mãe, a Sonia artista, a mulher e professora.

No 3º período dessa graduação aqui na UFMG procurei uma professora para me dar uma orientação, quando fui falar do meu trabalho anterior ela rispidamente me disse: não quero saber o que você fez antes de chegar a escola de Belas Artes. Esqueça o que você fez. O que importa é o seu trabalho a partir de agora.

<sup>1</sup>As imagens podem ser formadas tanto internamente, em processos mentais, quanto externamente, a partir do que é visto. E a habilidade de imaginar diferentemente amplia possibilidades de criar e de estabelecer conexões, diálogos e conhecimentos em vários aspectos, além de permitir fazer experiências a partir de perspectivas variadas (LOYOLA.G. 2016, p.77)

Mas eu já existia antes de entrar para a Escola de Belas artes! A minha produção passada reflete no que faço hoje! Não me constituo só do presente; não perdi a memória. Será que devo jogar fora tudo que já produzi? O que fiz anteriormente não pode servir de parâmetro para que eu evolua?

Uma outra pessoa, também professora na minha primeira graduação em 1995, mostrou-me um jeito diferente de enxergar o meu entorno e perceber que este mesmo entorno pode ter outras interpretações interessantes. Ela dava aulas com perguntas e provocações contextualizando imagens e fatores históricos com referências artísticas<sup>2</sup>. Muitas vezes a aula terminava ela não dava conclusão alguma o que causava um tremendo desconforto. Ia para casa remoendo aquele desafio. Quando na próxima aula chegava com a resposta ela dizia que ela não precisava saber a resposta pois ela já tinha encontrado a dela. A minha conclusão era para eu mesma e iniciava outra série de provocações. Foi então que eu aprendi a pensar e a aprender.

Para minha alegria encontrei com esta mesma professora aqui na escola de Belas Artes e que é a minha orientadora. Após 26 anos sem vê-la e ela continua com olhar a me desafiar incentivando-me a descobrir outros caminhos.

<sup>2</sup>O processo pedagógico e a didática são fundamentais para o Professor pensar materiais, conteúdos e proposições estéticoartísticas e que atue como um propositos de ideias, ações e experiências e que atue como um mediador dessas ações. Por isso a importância da abordagem das experiências no contexto de estímulo à imaginação e à criação, relacionando-as com referenciais artísticos e com trabalhos de outros artistas (LOYOLA.G. 2016, p 18).

Algumas vezes a depressão me pegou na curva e cambalhotei em capotes.

O recurso veio em pilulas coloridas:

o azul Bupropiona,

o amarelo Lamotrigina.

O ocre Andes e todos as brumas analgésicas.

Com estas cores pintei telas e sobrepus-me veladuras das cores profundas do meu eu.

Tic ...tac.

## COMECEI A ACREDITAR QUE EU ERA UMA ARTISTA

Quando morei na região amazônica retratei a profusão de cores do meu entorno e animais silvestres que via nas matas ou quando visitava os parques. Eram estes bicho preguiça, iguanas, jabutis, antas, micos, jaguatirica, siriemas, araras azuis e canindés, araras vermelhas, pacas, tatus... Instintivamente desenhava junto a estes bichos uma variedade de grafismos indígenas que havia estudado no livro de Lux Vidal *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética* (Editora: Studio Nobel; Edição: 2ª 2007). Foi um trabalho de denúncia e um apelo à preservação.

Este universo amazônico eu trouxe comigo na vida como “bagagem de mão”. Estas pinturas ficaram de lado por um tempo, quando retornei para Minas Gerais ao desembalar as muitas caixas que trouxe as encontrei e comecei a desenvolvê-las novamente.

O curso que fiz de Educação Artística há 20 anos era muito generalista, tínhamos um pouco de tudo: teatro, música, desenho, fotografia, cinema, materiais expressivos e as matérias da licenciatura pertinentes ao currículo. Não tive aulas de pintura, sempre pintei como auto-didata e muito intuitivamente. Mesmo assim assumia o desafio de experimentar materiais diversos e a partir de tentativas e erros consegui desenvolver um estilo próprio.

Meu trabalho era muito solitário, contava com estímulo da família e de amigos e como estava fora da academia e do circuito de artes eu me inscrevia em concursos que via pela internet ainda sem resultado. Uma artista carioca que compunha o Brazilian Group (um grupo de artistas brasileiros) viu meu trabalho e convidou-me para participar de uma feira de arte internacional a ARTEXPO/2008<sup>1</sup> em Nova Iorque. Levei três pinturas e teve uma boa repercussão, distribui muitos folders com

***ArtExpo***, é uma feira de arte internacional que acontece há 41 anos e a cada ano reúne milhares de membros da indústria da arte, galerias e artistas de todo o mundo inteiro. *Pier 94, New York, NY, Jacob K. Javits Convention Center, New York, NY*

<http://artexponeyork.com/>

imagens de meu trabalho e meu contato.

A partir da feira o curador da galeria COLORIDA<sup>2</sup> de Portugal viu minhas pinturas e me convidou para uma exposição individual em Lisboa. Para esta exposição em março de 2012 eu levei dezessete pinturas da Série “Animais Silvestres do Brasil”. Esta série retrata animais silvestres em meio a grafismos indígenas que estudei no livro da Lux Vidal e assemblages de rótulos e propagandas de produtos industrializados.

<sup>2</sup><http://www.colorida.biz/>

Antes dessa exposição participei de um concurso em Belo Horizonte em 2011 Mural TEMPLUZ com parceria da Philips do Brasil, a empresa Templuz criou o concurso. Fui selecionada em duas edições, 2011 e 2012 e tive meus trabalhos “Arara canindé do Brasil” e “Arara Vermelha do Brasil” plotados na lateral do prédio da TEMPLUZ na Avenida Nossa Senhora do Carmo nº 1150 por 30 dias. Estas duas pinturas fazem parte da série Animais silvestres do Brasil. Depois destes concursos da Loja TEMPLUZ foi publicado um livro<sup>3</sup> com o trabalho de todos os artistas participantes.

<sup>3</sup> Livro Coletâneas de Arte Urbana

[https://issuu.com/thaisconde/docs/colet\\_\\_nea\\_de\\_arte\\_urbana\\_-\\_volume\\_](https://issuu.com/thaisconde/docs/colet__nea_de_arte_urbana_-_volume_)

Neste mesmo ano de 2012 me inscrevi no *Internacional Art Festival* do Museu de Arte Russa (MORA) em New Jersey, EUA, com a Obra "Iguana Azul do Pantanal" (no pantanal não existe iguana azul, esta é endêmica da ilha de Grande Caimão e é uma espécie criticamente ameaçada de extinção (este título que dei a meu trabalho foi para chamar a atenção para as iguanas do Pantanal, para que não tenham o mesmo destino das iguanas azuis) Esta pintura também faz parte da série Animais Silvestres do Brasil.

<sup>4</sup>[http://artnuvi.com/artwork/2/2124/iguana\\_azul\\_do\\_pantanal](http://artnuvi.com/artwork/2/2124/iguana_azul_do_pantanal)

Para minha surpresa fui selecionada e tive esta pintura exposta no Museu (MORA)<sup>4</sup>.

Poderia dizer que este foi um período “dourado” para mim, comecei a acreditar que eu era uma artista, mesmo sentindo sempre a necessidade de aprender técnicas de pintura.

# FOLDER EXPOSIÇÃO COLETIVA **BRAZILIAN GROUP ARTEXPO NEW YORK 2008**

## DIVULGAÇÃO EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL EM LISBOA 2012

### Artexpo New York 2008

**Jacob Javits Convention Center Booth 1115**

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|   |   |   |   |
| <i>José Luiz Cardoso</i>   | <i>Ana Isis</i>  | <i>Rita Clara</i>  | <i>Grazi Fernasi</i>   |
|   |   |   |   |
| <i>Byron Mendes</i>  | <i>Clores Lage</i>   | <i>Sebastião Xant</i>  | <i>MMarchetti</i>  |
|   |   |   |   |
| <i>Manoel Gomes</i>  | <i>Arnaldo Garcez</i>  | <i>Beth Ximenes</i>  | <i>Adriana Batalha</i>   |
|   |   |   |   |
| <i>Isabel Pacheco</i>  | <i>Sonia Burgarelli</i>  | <i>Luzia Castañeda</i>   | <i>Sheyla Ataide</i>   |
|  |  |  |  |
| <i>Andréia Reis</i>  | <i>Yara Rangel</i>   | <i>Celça Carvalho</i>  | <i>Betty Fallot</i>  |

### Brazilian Group

Rua Humaitá 77 ap.703  
Humaitá - Largo dos Leões - 22.261000  
Rio de Janeiro - RJ - BRASIL  
Tel. (55)21 2245 2697  
Fax: (55)21 2245 2756  
Cel. (55)21 8104 6632  
braziliangroup@yahoo.com.br  
sheila11@terra.com.br  
booth # 1115

**Personnel:**  
Brazilian Group: Sheyla Ataide - Manager,  
Assistant: Carmen Meireles  
Marketing: Toni Martins  
Art Design: Jane Fonseca  
**Artists Represented**  
**Painters:**  
Adriana Batalha, Andréia Reis, Ana Isis, Arnaldo Garcez, Beth Ximenes, Betty Fallot, Byron Mendes, Celça Carvalho, Clores Lage, Grazi Fernasi, Isabel Pacheco, Luzia Lucchesi, Luzia Castañeda, Manoel Gomes, Marivaldo Marchetti, Rita Clara, Sonia Burgarelli, Sebastião Xant, and Yara Rangel.  
**Sculptors:**  
José Luiz Cardoso e Sheyla Ataide



**Tibet**  
Art design: Jane Fonseca  
Mixed Media  
Original on Paper

### NOTA DE IMPRENSA

#### Exposição de Pintura da Artista **SONIA BURGARELLI**



O trabalho da artista Sonia Burgarelli nos transporta para dentro de um caleidoscópio repleto de formas, cores e possibilidades. Alguns elementos aproximam-se do ilusório, outros do real, ou melhor, encontram a realidade a partir da ilusão ( José Roberto Moreira - curador e galerista ).

Sonia Burgarelli vive e trabalha em Belo Horizonte, Brasil.

**Cocktail de Inauguração, Sábado, 11 de Fevereiro, 19h00**

Patente até 02 de Março de 2012, Terça à Sábado, 13h30 às 18h00

**Colorida Galeria de Arte**  
Costa do Castelo, 63 - Lisboa  
Tel 218 853 347  
[www.colorida.pt](http://www.colorida.pt)

GPS: N 38° 42' 58" W 9° 06' 01"  
Transporte público: Eléctrico 12, Autocarro 737 (Praça da Figueira)  
Estacionamentos: Parque Portas do Sol (Miradouro de Sta. Luzia)  
Parque do Mercado Chão de Loureiro

TRABALHO SELECIONADO NO *IAF INTERNATIONAL ART FESTIVAL* 2012

PARA EXPOSIÇÃO NO *MUSEUM OFF RUSSIAN ART*



“IGUANA AZUL DO PANTANAL”

ACRÍLICA E ASSEMBLAGES

<http://www.newartfestival.com/index.php?class=page&id=642012>

Quando viajei na esperança perdi o tempo,  
não me dei conta se era dia ou noite.  
Tudo ficou longe de sino badalando.  
Ora notícia nascia, outras morria.

E eu carregando a mala sem paragem para pensamento de reflexão.  
Parece que dei perdido no tempo e fiz muitas voltas de vindas e fiquei de saudade com rugas na pele.

ILHA DE MALTA



Acrílico sobre tela

2015

## ILHA AMARELO OCRE: CORAÇÃO VIAJANTE DE PROFESSORA ARTISTA

Em 2015 tranquei a matrícula um semestre para estudar fora, fui para a ilha de Malta onde fiquei por três meses. Foi uma experiência maravilhosa ter contato com outra cultura e uma língua antiga somente falada na Ilha, o maltês. O maltês é a primeira língua da ilha, é semítica<sup>1</sup> derivada do século-árabe<sup>2</sup> a segunda língua é o inglês; toda a população fala os dois idiomas.

Dos lugares que conheci até hoje Malta foi o mais marcante, seja pela cor da ilha que é de um amarelo ocre que me remete ao semeador de Van Gogh, seja pela arquitetura medieval toda construída com a pedra calcária de cor amarela extraída na ilha, ou por ser o lugar onde Caravaggio se refugiou<sup>3</sup>. Também por que Malta serviu de cenário para vários filmes como Gladiador, Capitão Phillips, Guerra Mundial Z, Popeye, À Beira Mar e a série Game of Thrones.

Malta conta com construções que datam de um período anterior ao Egípcio em cerca de mil anos e muitos podem ser visitados. Nela estão localizados três patrimônios mundiais da UNESCO que são o Templo Hipogeu de Hal Saflieni, a cidade de Valletta e os templos Mesolíticos. É um dos menores países da Europa e é considerado um arquipélago pois são três ilhas que fazem parte de Malta: Comino, Malta e Gozo.

Nesta ilha possui diversas escolas de inglês com cursos intensivos por isso fui para lá. Claro que poderia ter ido para outro país mas escolhi Malta por ser exótica, muito próxima da Itália para onde eu poderia visitar nas folgas da escola.

Tinha aulas de segunda a sexta-feira de 8 às 14 h. No término de cada aula saía com meu caderninho sentava em um local e desenhava a paisagem. Eu ficava horas admirando a paisagem e desenhando,

<sup>1</sup> As línguas semíticas são a família mais ao nordeste das línguas afro-asiáticas, e a única família do grupo falada na Ásia. As línguas semíticas mais comuns faladas hoje são a língua árabe, o amárico, o hebraico e a língua tigrínia. [https://www.ocultura.org.br/index.php/L%C3%A9guas\\_sem%C3%A9ticas](https://www.ocultura.org.br/index.php/L%C3%A9guas_sem%C3%A9ticas)

<sup>2</sup> O maltês tem origem no século-árabe, dialeto árabe que se desenvolveu na Sicília, sul da Itália e Malta. Cerca de metade do vocabulário vem do italiano e do siciliano, cerca de 20% vem do inglês. É a única língua semítica escrita na sua forma padrão com o alfabeto latino. [https://www.wikizero.com/pt/L%C3%A9gua\\_maltesa](https://www.wikizero.com/pt/L%C3%A9gua_maltesa)

<sup>3</sup> Caravaggio Michelangelo Merisi, nasceu em Milão 1571 foi um importante pintor barroco italiano no final do século XVI e início do XVII. Por não querer pagar uma aposta de 10 escudos, Caravaggio brigou e matou Ranuccio Tommasoni e fugiu para ilha de Malta. Na ilha pintou retrato do Grão-mestre Alof de Wignacourt e a grande obra A Decapitação de São João, o santo padroeiro da Ordem dos Cavaleiros. Em julho de 1608, foi sagrado Cavaleiro da Ordem da Obediência, em reconhecimento por seu trabalho. Mas incapaz de submeter a disciplina foi preso por revidar uma ofensa. <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/caravaggio/>

quando chegava em casa, embebida do azul do mediterrâneo em contraste com o amarelo das construções, aquarelava os desenhos.

Uma tarde sentada em um banco com meu caderninho começou a chover de repente e eu na pressa de pegar minha bolsa e celular deixei o caderninho de desenhos para traz. Voltei mais tarde e não encontrei. Perguntei pelas redondezas e ninguém viu ou encontrou.

Fiquei imaginando quem ficou com meu caderninho; havia sido um maltês que encontrou meus desenhos, apreciou e guardou com carinho; imaginar isso me consolou! Comecei outro caderninho.

Viajar pra mim é muito prazeroso, é como criar. Quando viajo conheço ou reconheço lugares e minha mente “fervilha”; produzo mentalmente como se estivesse em transe.

Algumas vezes os lugares que chego me aninham, eu me reconheço pelas imagens que vejo. Lugares simples, terra, o mar e suas cores, cachoeiras, casinhas do interior do Brasil, pessoas marcantes com o olhar da sabedoria do mundo. Nestes lugares preciso produzir imediatamente, me sinto pronta para parir. Tenho que anotar o que crio para retomar mais tarde quando não há como produzir no local.

Também viajo em cada livro que leio; os livros sempre me inspiram muito. Um bom exercício de estímulo a criatividade pra mim é ler um livro. Devoro as páginas para me abastecer de imagens mentais. E estas imagens são só minhas por que as construo a partir das palavras que li, não do que vi.

Outras vezes conheço ou reconheço lugares que me arrebatam e não consigo sequer anotar. As imagens me preenchem de tal maneira que preciso respirar fundo. Nestes momentos sei que o parto vai demorar.

Durante este intercâmbio aproveitei algumas folgas da escola para conhecer alguns lugares da Itália.

Em Roma me senti arrebatada naquele museu a céu aberto. Não dá para descrever em palavras que abarquem o que vi. Foram 5 dias andando e só vi um pouquinho de Roma.

Levei meu caderninho de desenhos mas não o tirei da bolsa.

Era impossível ver e desenhar ao mesmo tempo. Mal conseguia respirar diante dos monumentos a minha frente. Ia andando na rua e eis que de repente surgiam aqueles incríveis monumentos, esculturas como se materializassem ali naquele instante: imagens que só tinha visto nos livros. Consegui desenhar somente após dias, quando voltei para Malta.

Em outra oportunidade fui para *Florença* e como estava menos ansiosa consegui desenhar, isso depois de uns três dias que estava lá. Fiquei numa área central próximo a Ponte Vecchio e ia a pé para todo lugar. Pude apreciar com calma e visitar mais de uma vez alguns lugares.

Depois segui para Veneza e lá também fiz uns desenhos de observação. Fiquei muito impressionada com tudo, a cor do Adriático em contraste com as construções, a basílica de São Marcos gótica e bizantina, o intenso trânsito aquático. Tenho o som das águas tremulantes de Veneza em minha mente, pelos passar intenso dos muitos barcos a todo minuto.

Para desenhar ficava diante do monumento ou arquitetura, eu estava ali e estava dentro do que se revelava pra mim, que não era exatamente a paisagem real mas como eu a via<sup>4</sup>. Via em recortes e alguns detalhes se sobressaíam aos demais, eram exatamente estes detalhes que eu desenhava.

Imaginei os artistas viajantes, que acompanhavam as expedições pelo novo mundo para representar o que viam a fim de documentar, o quanto ficavam surpresos com os lugares que conheciam.

<sup>4</sup> Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como o oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p. 205)

Foi uma sensação incrível estar ali naquela atmosfera renascentista desenhando. Se fosse um sonho pensava: não quero acordar jamais.

Nestas viagens sempre via pessoas desenhando e também alunos, crianças e adultos acompanhados do professor visitando e tendo aula dentro do museu. Muitos sentados desenhando algum monumento, escultura ou pintura que escolhiam e conversavam entre si, opinavam sobre as obras e falavam alto empolgados.

Vi grupos de alunos andando por florença anotando e desenhando os monumentos nas ruas. Tudo na mais perfeita normalidade.

Fiquei pensando porque que não fazemos isso com nossos alunos aqui no Brasil? Será que é porque tem poucos museus e somente nas grandes cidades? Mas e os monumentos nas praças, a arquitetura das cidades? Isso tem em todo lugar. Por que as aulas devem ser sempre dentro das salas das escolas?

Como é rica a experiência de observar o que nos cerca, onde vivemos e aonde vamos. Muitas vezes passamos todos os dias pelo mesmo local e não percebemos as construções, seus detalhes, as cores.

Nossas cidades são tão interessantes.

Gosto muito de perceber os detalhes das ruas, das construções, do caminhar das pessoas, das cores das roupas...Lembro bem que desde criança fui observadora das coisas que me cercam. Quem me ensinou a observar foi minha mãe. Sempre que ia a algum lugar sem ela, ao chegar em casa ela fazia uma série de perguntas: quem estava lá? Você gostou mais do quê? Como as pessoas se vestiam? Tinha muitas crianças? Qual era a cor da casa, da cortina...?

Observava tudo para contar para ela depois. Ela queria respostas completas, me incentivava a ser crítica, a me posicionar. Me estimulava a descobrir coisas escondidas, que só eu via. Como um reflexo do sol na janela que por um instante parecia uma imagem por exemplo.

Ela me aguçava a imaginação. Por que minha mãe era assim? Ela estudou só até a 4ª série. Ela nunca teve aula de arte. E era tão sensível e tinha um senso estético apurado. Será que era por ser costureira?

Após esta viagem voltei para Belo Horizonte atenta às paisagens e aos detalhes da cidade. A arquitetura, as praças, monumentos. Passei a enxergar a cidade com a curiosidade de quando viajo para outros lugares e como se fosse chegar em casa e tivesse que descrever as imagens para minha mãe. Me senti uma turista na cidade em que moro há anos.

Com este meu olhar observador comecei a sair com meu caderninho e desenhar detalhes da cidade que me chamava a atenção. Fiz um livreto com estes desenhos mostrando a diversidade de Belo Horizonte.

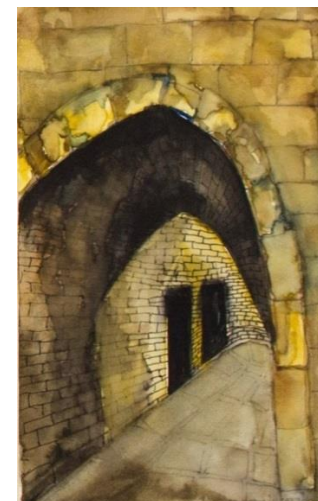
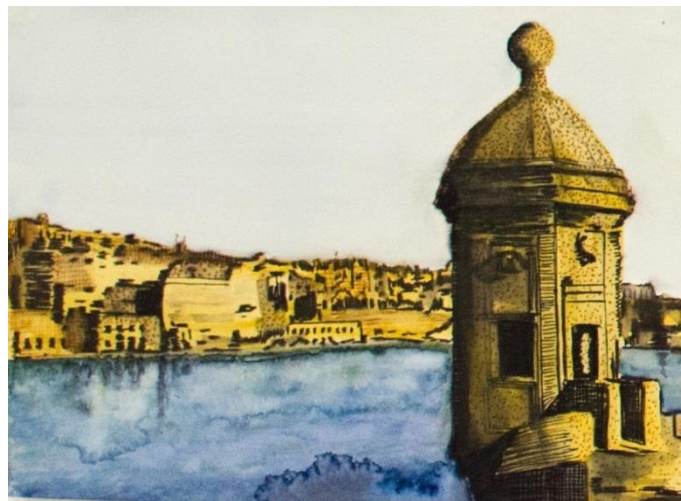
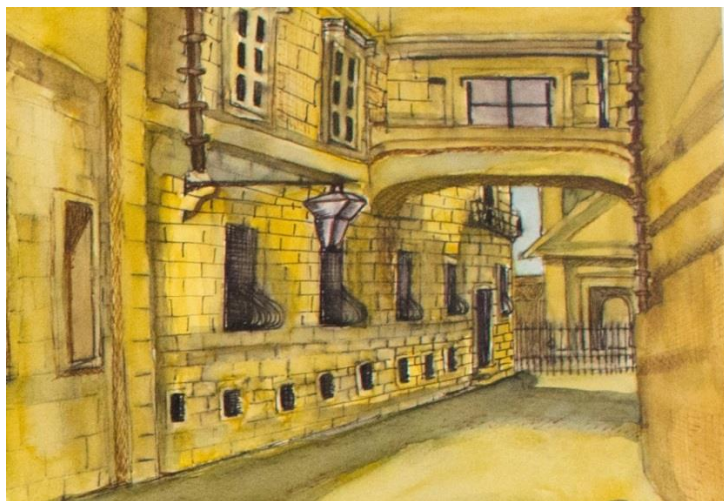
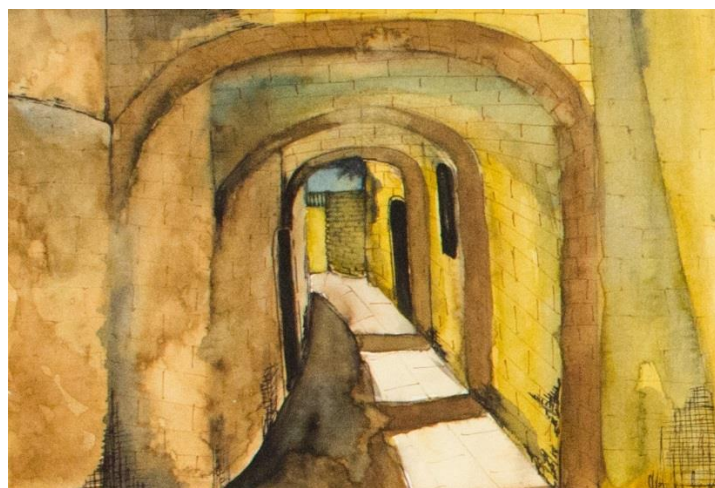
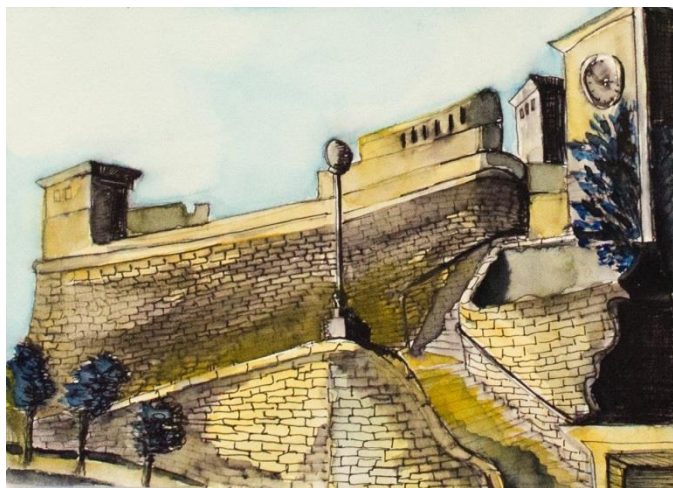
Pretendo desenvolver esta ação com meus alunos estimulando-os a olharem o local onde vivem, bairro, cidade, de forma investigativa, tentando perceber os detalhes que as vezes nos fogem aos olhos. Como fazemos quando vamos a um lugar pela primeira vez.

Quando permanecemos em nosso país e criamos vínculos ou quando viajamos e conhecemos outra cultura podemos narrar com detalhes como nos diz Benjamin: “A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1994, p. 198-199).

Neste sentido entendo que nós artistas percebemos pequenos detalhes, coisas escondidas que se relevam apenas para o olhar sensível.

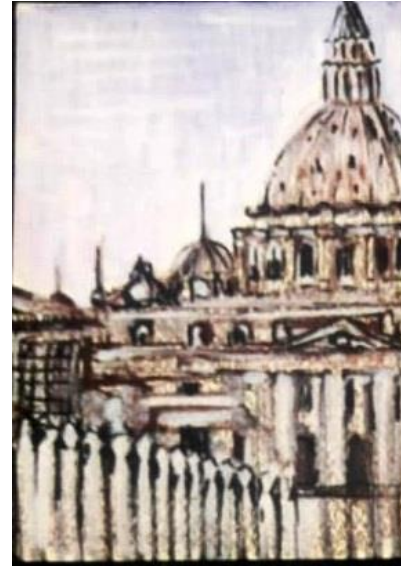
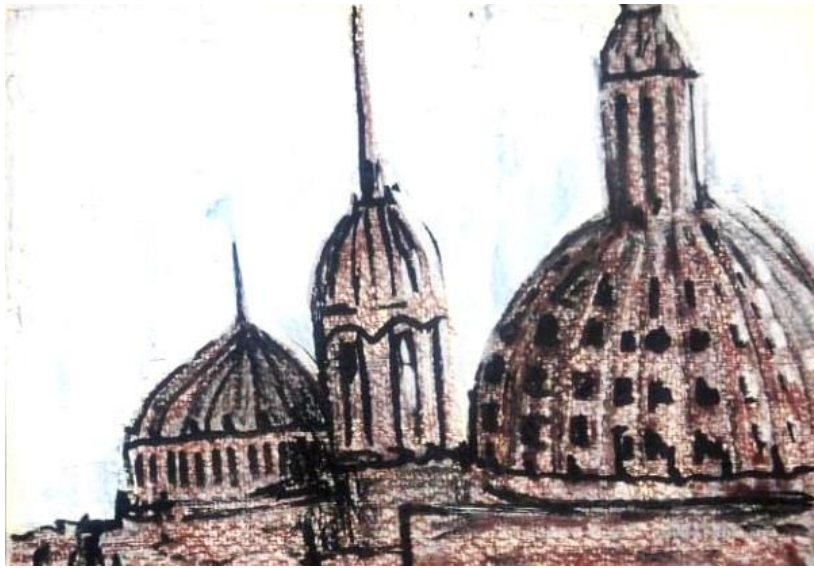
Viajando ou permanecendo a vida inteira no mesmo lugar, podemos então estimular nossos alunos a perceber o que nos cerca com o olhar sensível, minucioso, crítico e investigador.

# AQUARELAS FEITAS EM MALTA 2015



IMAGENS DA ITÁLIA EM PASTEL SECO 2015

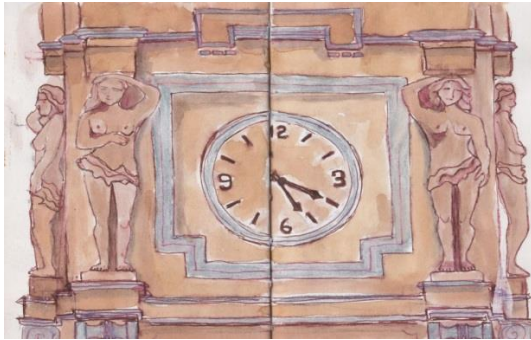




**DiverCidade**

Aquarelas escaneadas que compõe o LIVRO DE ARTISTA com detalhes da cidade de Belo Horizonte

2015





Quando viajei na esperança perdi o tempo,  
nao me dei conta se era dia ou noite.  
Tudo ficou longe de sino badalando.  
Ora notícia nascia, outras morria.

E eu carregando a mala sem paragem para pensamento de reflexão.  
Parece que dei perdido no tempo e fiz muitas voltas de vindas e fiquei de saudade com rugas na pele.

## UMA OUTRA DIMENSÃO: O UNIVERSO QUE ME HABITA

Quando retornei para a Escola de Belas Artes depois de um intercâmbio fiz uma exposição na galeria da Reitoria da UFMG com as pinturas de animais com grafismos de meu trabalho anterior a EBA. Fiquei feliz com o resultado desta exposição porém não conseguia mais me ver apenas em desenhos e pinturas, algo me empurrava para o tridimensional.

Neste período criei uma série de pinturas em caixas em que retratei memórias. Minhas mãos desenharam um mergulho da infância à fase adulta; vieram a tona pessoas e personagens, músicas, livros, notícias, paixões, novelas e viagens <sup>1</sup>.

Mas por que contar memórias em caixas?

Sempre gostei de guardar caixas pensando que me serão úteis para guardar algo. A caixa é um compartimento útil para transportar, acondicionar, guardar, enterrar. Nela colocamos fotos, documentos, remédios, talheres, cartas, brinquedos, tintas, pincéis, segredos... Minha experiência foi delimitada no espaço/tempo da minha narrativa em caixas.

Esta rememoração foi pinçada por serem as vezes fragmentos ofuscados que me proporcionaram uma suspensão no tempo e pude visualizar os pedaços, às vezes minúsculos que foram descartados pela demanda do cotidiano; fui como um *flâneur*<sup>2</sup> passeando pela memória e vendo tudo como num teatro, como se eu fosse um espectador da minha vida. Nas cenas da minha lembrança as ruas, casas, móveis, pessoas da cidade onde nasci continuavam ali representando meu passado e eu pude observar calmamente tudo e fui catando detalhes que já não me eram claros e os reintroduzindo a minha história.

Com este trabalho dei sentido aos vazios que eu sentia, foi uma catarse.

<sup>1</sup> “O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o lugar que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.)”(BENJAMIN, 1994, p. 221).

<sup>2</sup> Trata-se da figura do *flâneur*, um observador que caminha pelas ruas, percebendo cada detalhe, sem participar da cena urbana, vagabundeando e buscando uma percepção da cidade. “A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apóia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho observa o ambiente” BENJAMIN, Wlter. Obras escolhidas III – Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.p. 35.

Estas pinturas em caixas juntamente com objetos foram expostas na Biblioteca Central da UFMG. Era um processo, um estudo para um trabalho mais consistente no futuro pois sentia respirar o inacabado, faltava um polimento ou talvez uma névoa para encobrir o óbvio. Foi uma narrativa muito honesta e transparente por isso encarei como uma fase de amadurecimento. Esta nova etapa com curadoria e expografia sensível do Professor Fabrício Fernandino estimulava o visitante a tocar as caixas e mudá-las de lugar, era uma cartografia de lembranças que não seguia uma linearidade.

Esta experiência me permitiu visualizar caminhos a seguir.

Realmente estes caminhos me levaram para o tridimensional. Tridimensional como a forma dos corpos, das plantas, das montanhas, do ar...tudo que eu pudesse tocar ou sentir de todos os ângulos possíveis.

Iniciei ateliê de escultura e dei continuidade a experimentação de materiais. Decidi então ganhar tempo e escolher quais aulas queria frequentar. Entrei com pedido de aproveitamento de estudo da minha graduação anterior em Educação Artística na UEMG, eliminei muitas disciplinas, e vim para meu lugar: a licenciatura.

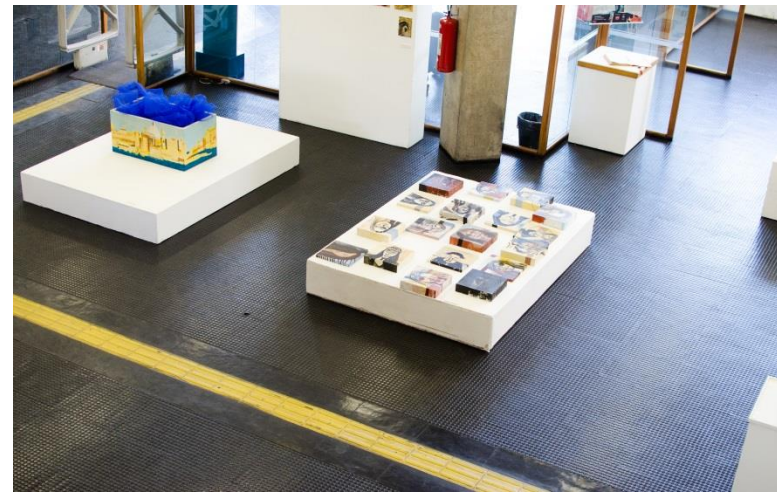
Me senti acolhida por todos os professores da licenciatura, falávamos a mesma língua, tínhamos as mesmas questões, anseios e objetivos.

Pensei: por que não vim para a licenciatura antes? Precisava mesmo iniciar a pintura para ter certeza do quê? Será que não me sentia artista por ser professora? Por que nas escolas de artes, na EBA/UFMG e na GUIGNARD/UEMG há tanto preconceito em relação a Licenciatura em Artes? Será que não nos consideram artistas? Luciana Velloso descreve este preconceito entre o curso de Bacharelado e o de Licenciatura como abissal e insuportável<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Que os alunos da licenciatura não tem talento e não precisavam desenvolvê-lo, aprender a desenhar ou pintar ou dominar as linguagens das artes plásticas, pois seriam professores e não artistas. A diferença e o preconceito entre os cursos de Bacharelado e Licenciatura, cultivada e proferida explicitamente por muitos professores em sala de aula era abissal e insuportável (VELLOSO, L. 2019, p. 54 e 55).

Este preconceito não me atingiu: sou uma artista que produz, tenho me encontrado na escultura e estou realizada na Licenciatura.

EXPOSIÇÃO “EM CAIXA” Na Biblioteca Cental da UFMG- 2015- Curadoria do Prof. Fabrício Fernandino



E o dia vai correndo e eu devagarinho sento,  
o tempo passa e eu fico admirando o que ontem foi futuro de antes e o hoje é passado de amanhã.

Assim no silêncio encaro e contemplo o espaço e o tempo do devir.

Por isso gosto de dilatar o tempo e as vezes fica tão emcompridado que sinto uma preguiça boa

igual quando me esbaldo no sabor das jabuticabas.

O melhor tempo é o da infância.

Este eu queria dilatá-lo para sempre.

As cores seriam inteiras

## DESAFIOS DE SER PROFESSOR

“Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática”. (FREIRE, 1991, p. 58)

No estágio que fiz como parte da minha formação em Licenciatura em Artes Visuais acompanhei um professor com formação em história lecionando o componente arte para o ensino fundamental.. A partir das minhas anotações e observações em sala e nas conversas com o professor e, de sua prática pedagógica conclui que é melhor ter um professor de história ensinando arte que não ter aula de arte.

De início fiquei meio frustrada, queria observar um professor habilitado. Aos poucos vi o esforço deste professor com o conteúdo e a estratégia que ele usou para articular as relações sociais transformando a cultura escolar e ao mesmo tempo se formando. Entendo que ensinar arte não é transferir conhecimento mas estimular que conhecimentos possam ser construídos nas inter-relações. Como nos falou Vigotski “ a arte é o social em nós” ( 1999, p. 18).

Ele usa a sala de aula para trocar experiências com os alunos, mesmo sendo um espaço com rotinas, relações de poder e desafios, há invenções, criatividade, colaboração através de acordos entre professor e alunos. A sala é um espaço social onde todos os presentes se constroem, aprendem e apreendem novas ideias e troca de saberes. Segundo Ana Mae Barbosa (2010, p. 2) “A

arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador”.

O professor me falou que a proposta do currículo era de trabalhar percepção dramática, sensibilidade estética em vários espaços cênicos, gestos, movimento, dança e análise crítica de espetáculo cênico que inclui teatro, música e comunicação visual. Então ele propôs trabalhar todos estes itens dentro da perspectiva da consciência negra voltada para a cultura afro-brasileira.

A proposta do professor foi motivada pelo contexto da escola que tem 90% dos alunos e inclusive este professor afrodescendentes.

Um dos projetos realizados no tema africanidade proposto pelo professor foi intervenções a partir do estudo dos mapas do Brasil, da África e de Vespasiano (município no qual a escola pertence) com desenhos, pinturas, bordados e ou colagens. Estes desenhos eram feitos em pedaços de 20 por 15 cm de algodão cru que foram cortados pelo professor e distribuídos para os alunos. Os alunos ficaram muito empolgados, todos participaram e queriam ver os trabalhos uns dos outros.

O resultado foi uma colcha de retalhos com todos os pedaços feitos pelos alunos. A costura ficou por conta do professor. A colcha foi exposta em um mural da Escola.

Este trabalho me deixou tocada. Levou-me a casa da minha infância. Aos bordados de minha mãe. As colchas de retalhos que ela fazia com as sobras dos tecidos das roupas que ela costurava para suas clientes. contei para o professor das minhas lembranças e ele me disse que a avô dele fazia muitas colchas de retalhos, cada filho e neto tinha uma feita por ela. Ele e os irmãos brincavam sentados na colcha, apostavam quem ia encontrar primeiro dois retalhos iguais, depois duas cores iguais. Disse que ficavam pulando de cama em cama em cima das colchas procurando retalhos.

Ele me falou que a colcha de retalhos tem para ele múltiplos significados e gosta de desenvolver esta ação com os alunos pelo trabalho final em conjunto. Cada retalho diferente mas unidos trazem harmonia, como nós também ele disse: somos diferentes e juntos podemos ser um só, como a colcha de retalhos.

Achei muito sensível!

Fiquei imaginando como são as aulas de arte em outras escolas? Como atuam os outros professores de arte que não acompanhei, habilitados ou não? Qual é o conteúdo abordado realmente, não o escrito no plano, mas o vivenciado em sala? Outros professores se preocupam com a comunidade na qual a escola está inserida para desenvolver o conteúdo? Qual seria minha proposta para estes alunos se eu fosse a professora?<sup>1</sup>

Continuando a proposta da africanidade o professor falou sobre a influência que a cultura africana tem sobre a nossa cultura. Falou da música, culinária e religião africana. Trazia questões sobre o preconceito ainda existente quanto a religião de matriz africana. Explicou que as manifestações artísticas, rituais eram proibidos no Brasil por não fazer parte do universo cultural europeu trazido pelos colonizadores. Falava sobre a lei nº 10.639 de 2003 que passou a exigir que as escolas brasileiras incluíssem no currículo o ensino da história e cultura afro-brasileira. Falou inclusive sobre a política de cotas para afrodescendentes. Enquanto o professor lia o texto e explicava percebi e anotei algumas frases que os alunos falaram sobre o texto:

—Professor isso não é religião é macumba!

—Isso é coisa de favelado!

<sup>1</sup> Como pensar a formação de outros educadores se nós mesmos, formadores, também nos formamos cotidianamente? A pergunta fica ainda em aberto, convocando reflexões sobre nossas práticas formadoras, sobre nossas invenções. *Entrevistas* estamos nós, como propositores inquietos que tem na arte, especialmente a contemporânea, alimento para o repensar-se constante, para além do senso-comum, com o cuidado e tensão criadora de quem, com olhar estrangeiro, estranha o familiar e problematiza o que já sabe, com cuidado e atenção por onde e com quem atravessa a vida.  
(MARTINS, 2006, p. 238)

–Não gosto de samba, só de sertanejo!

–Ah! não acho certo esse trem de cotas, nós não é burro; nós tem capacidade professor!

–Eu não gosto do meu cabelo vassoura por isso estico uai!”

Este professor tinha a maior paciência e tentava fazê-los desconstruir estes preconceitos contextualizando com fatos da nossa história.

Todos os trabalhos desenvolvidos em sala iam para murais afixados na escola e nos intervalos podia-se ver alunos mostrando a outros o seu trabalho. Uma estratégia simples e importante para valorizar o trabalho dos alunos.

Durante o meu estágio o professor também passou o filme “Kiriku e a feiticeira” depois foi proposta pelo professor uma ação para os alunos criarem turbantes e colares africanos em siluetas de rostos inspirados pelo filme. O professor levou silueta de rostos já cortados em cartolinas pretas e marrons para os alunos ornamentarem. Para esta ação o professor pediu para que os alunos levassem material de casa como: botões velhos, folhas secas de plantas, capim seco, corda, tampinhas de plástico, revistas velhas, retalhos, etc.

Fiquei pensando o porquê deste professor não ter deixado os alunos fazerem a silueta dos rostos? Será que ele acha interessante um painel com desenhos iguais só mudando a decoração? Ele disse que faz assim para ganhar tempo pois é impossível desenvolver uma ação em apenas 50 minutos.

A fala deste professor me fez lembrar do relato do professor Geraldo Loyola em sua tese de doutorado<sup>2</sup>. Loyola descreve um projeto que realizou com alunos do EJA que durou 5 meses e teve

<sup>2</sup> Muitos professores de Arte reclamam que nem sempre encontram condições favoráveis para desenvolver seu trabalho com os alunos em escolas da educação básica e, como consequência, também poder pensar materiais didático-pedagógicos em condições favoráveis. Mas essa é uma questão que também diz respeito à possibilidade de pensar e produzir os materiais de acordo com as estruturas disponíveis. É difícil para o Professor pensar e levar experiências e estímulos de criação para os alunos em salas de aula convencionais, em aulas de cinquenta minutos. Nessas condições, o Professor se vê induzido a conformar ideias, proposições e ações e a restringir possibilidades de uso de materiais, se limitando, muitas vezes, a exercícios em papel sulfite, tamanho ofício, com cada aluno em sua carteira (2016, p. 91).

ótimos resultados atingindo os objetivos propostos. Neste aspecto desenvolver ações rápidas que demandam apenas uma aula de 50 minutos pode ser impossível porém, se esta ação fizer parte de um projeto maior, com duração de meses fica totalmente possível e pode ser muito enriquecedor.

Vejo que a escola sofreu poucas mudanças, parece a mesma organização da escola que estudei quando adolescente. Alunos sentados em fileiras, salas abarrotadas e quando todos os alunos estão presentes mal dá para o professor circular pela sala. Nos dias de prova geralmente não falta ninguém então o professor faz uma fileira de carteiras no corredor para a sala não ficar tumultuada.

Não era possível propor uma aula com os alunos sentados em círculo por que esta configuração não cabia na sala.

Todas as vezes que o professor ia propor uma ação fora da sala com os alunos, a coordenadora não permitia dizendo que iria gerar tumulto.

Me coloquei o tempo todo como observadora crítica da postura do professor e também me questionava como eu faria no lugar dele. Entendo todas as dificuldades e desafios enfrentados pelo professor, como tempo curto para as aulas, não poder deslocar com os alunos pela escola, cobrança pela direção de conteúdo escrito no caderno e provas de arte.

Este estágio foi uma experiência muito importante pra mim não só pelo meu retorno à escola, pelo convívio com os alunos, professores e funcionários, enfim, pela rotina da escola que me faz ter vontade de enfrentar o desafio e tentar fazer diferente.

## IMAGENS DA ESCOLA QUE REALIZEI O ESTÁGIO



## RESULTADO DA AÇÃO COLCHA DE RETALHOS



## AULAS DE ARTE: LABORATÓRIO DE EXPERIÊNCIAS

Morei na cidade de Divinópolis e fui professora de arte de uma escola privada por 5 anos. Eu era a única professora de arte da escola então tinha alunos do Ensino Fundamental e Médio. Havia um livro didático para o Ensino Fundamental que deveria ser seguido por mim (a diretora da escola não aceitava sugestões), os alunos não tinham o livro.

Para o Ensino Médio eu teria que desenvolver um projeto com a professora de Literatura.

Fiquei entediada ao ler o livro, era tão engessado, com atividades direcionadas. Basicamente cada capítulo consistia em um texto, algumas perguntas relativas ao texto para os alunos responderem e orientações para duas ou três atividades práticas. Eu tinha que fazer cópias do texto para os alunos responderem. Havia anexo ao livro, pranchas com imagens de obras de pintores como Monet, Picasso, Dali entre outros. Artistas brasileiros só tinha Portinari, Tarsila, Anita Malfati que eu me lembre.

Fiquei muito angustiada com aquele livro nas mãos sem saber o que fazer.

Li um artigo da professora Rosvita em que as falas dela vão ao encontro do que pensava na época e penso agora<sup>1</sup>. Queria desenvolver com os alunos abordagens que levasse em conta o repertório que eles traziam, que eu pudesse resgatar a cultura local.

Então minha estratégia foi a cada capítulo distribuir o texto, ler e responder as questões junto com eles oralmente, em seguida usava a prancha com a obra do pintor a que o capítulo se referia e mostrava junto um trabalho de um artista da cidade ou da região. Perguntava a opinião deles sobre o

<sup>1</sup>..., em meu fazer fui construindo o sentido de que as aulas de arte podem oferecer aos alunos a oportunidade de recontarem sua história, reconstruírem seu passado e construírem sua identidade por meio de variados fazeres, onde a palavra une-se a outras materialidades. Nessa abordagem, o trabalho de arte foi repensado, buscando dialogar com a cultura local e com outras manifestações culturais brasileiras (BERNARDES,RK.2010, p.75).

dois trabalhos. Somente depois eu dizia quem era o autor do segundo trabalho, já que o primeiro era definido no texto. Eles se mostravam surpresos e opinavam novamente sobre a obra, uns identificavam desenhos parecidos que um colega fazia.

Lembro-me quando levei o trabalho de uma artista bonequeira, uma senhorinha que fazia bonecas de cabaça de todos os tamanhos, eles ficaram entusiasmados. Ao explicar material de que era feita, um aluno perguntou: por que não fazemos também professora? Alguns tinham cabaça em casa e falaram que iriam trazer. Combinamos que trariam lã, retalhos de tecidos, fitas, botões, enfim o que tivessem em casa que pudessemos utilizar para confeccionar os bonecos.

Os pais de vários alunos eram donos de confecção (a cidade de Divinópolis é conhecida por ser polo da moda em Minas Gerais pelo grande número de fábricas de roupas que possui), eles trouxeram uma infinidade de materiais. Estudamos cores e texturas dos materiais e fizemos vários bonecos. Os alunos criavam roupas, chapéus, turbantes, outros imitavam super heróis; muito criativos começaram a representar um membro da família.

Durante as oficinas conversávamos sobre vários assuntos; geralmente um aluno fazia uma pergunta e desta surgiam desdobramentos. As vezes falávamos de comidas típicas, da arquitetura local, outras de situações que vivenciaram; estudamos as cores e criamos uma cartela de cores com os materiais que os alunos trouxeram; utilizamos este estudo para compor a veste dos bonecos. Estas aulas eram laboratório de experiências.

Ocupamos quatro, algumas turmas cinco aulas. Nesta altura eu já não seguia o livro didático e sinceramente eu não estava preocupada.

Fizemos uma exposição no salão da escola de todas os bonecos feitos de cabaça e foi um grande sucesso. Pais vieram me falar sobre a empolgação dos filhos com o trabalho.

A diretora orgulhosa dos elogios dos pais veio conversar comigo; eu disse que não segui o livro e queria muito desenvolver as aulas de arte com o Ensino Fundamental sem o livro didático.

A partir de então com o apoio da direção eu e a coordenadora pedagógica alteramos as propostas do currículo desta escola para as aulas de arte. Nosso objetivo foi a abordagem de temas que valorizassem o universo que os alunos estavam inseridos. Assim discutíamos os temas com os alunos e elaborávamos juntos um plano de trabalho que poderia ser mudado ao longo do processo de acordo com um novo combinado.

Somente há pouco tempo conheci a concepção de ensino de Fernando Hernandez e percebi que o que fiz nesta escola, junto com a coordenação, foi repensar o papel da escola nas aulas de arte tornando-o próximo da realidade dos alunos e proporcionando que estes alunos fossem protagonistas de sua formação<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> O que torna necessária a proposta de um currículo que não seja uma representação do conhecimento fragmentada, distanciada dos problemas que os alunos vivem e necessitam responder em suas vidas, mas, sim, solução de continuidade. Levar em conta o que acontece fora da escola, nas transformações sociais e nos saberes, a enorme produção de informação que caracteriza a sociedade atual e aprender a dialogar de uma maneira crítica com todos esses fenômenos (HERNANDEZ,1998, p.61)

Vez por outra fico sã do tédio e paro para dormir.

Sonho moldando formas em peças de arame, cipó, corda, ferro e poeira.

Acordo horas depois exausta;

me banho e relaxo trançando uma rede para descansar do trabalho

## POÉTICA DA ALMA E DO CORAÇÃO

Certa vez fui expressar minha poética na Escola de Belas Artes e usei a frase “desejos da alma e do coração” e fui repreendida com ironia e deboche como se eu fosse uma criança boba: ah não, você já está bem crescadinha, não sabe usar outras palavras?!

Por que não posso expressar meu trabalho poético usando palavras como desejos, alma e coração? Por que não é bem visto por alguns professores? Percebi que ao usar estas palavras lhes parece que estou evocando algo místico/religioso/sobrenatural, vazio de fundamentação teórica. Não foi levado em conta os conceitos que usei. Somentes estas palavras foram percebidas como se fosse um despropósito.

Na época isso me deixou iconformada. Não conseguia encontrar outra frase pra definir e concluir minha poética. Tudo que dizia soava falso como se não passasse por dentro de mim. Neste dia, fui para casa com um cansaço, como se eu tivesse participado de uma maratona e com vontade de não voltar para o curso.

Mas tudo passa e amanhã não serei a mesma pessoa de hoje pois terei acrescentado algo a minha história. Então não desisti.

Depois de algum tempo me sentia a vontade e me vi aconselhando os alunos desestimulados a não desistirem. Tentava auxiliar alguns colegas dando dicas, orientando quando solicitavam e fui encontrando um lugar. Sempre em minha trajetória ao iniciar um novo percurso ficava deslocada porém mantinha a calma e esperava, com o tempo ia descobrindo as brechas e criando um lugar para mim. Entendi que eu precisava estar ali para aprender com estes jovens.

E fui aluna, muitas vezes fiz o papel de escuta e outras vezes orientava os colegas quando me pediam, sem que os professores soubessem.

Algumas pessoas são responsáveis por eu não desistir e acreditar no que eu estava fazendo. São artistas professores que fazem a diferença na Escola de Belas Artes porque veem os alunos como transformadores do mundo<sup>1</sup>.

São eles o professor Fabrício Fernandino com seu talento para ouvir e ensinar, com sua generosidade em acolher todos os alunos que o procuram é pra mim um exemplo como pessoa, artista e professor. Com ele aprendi a ouvir os meus desejos!

O professor Eugênio Pacelli me incentivou a me jogar, a aceitar desafios e valorizar e potencializar meus trabalhos. Foram pequenas palavras, frases curtas, seu jeito crítico sincero e bem humorado que me “cutuca”, me provoca e eu me revelo.

A professora Daniela Maura é outro exemplo. Com ela aprendi a me organizar, a entender meus desejos, a estabelecer metas e frentes de trabalho. Aprendi também a entender e falar sobre minha pesquisa e minha poética.

O professor Geraldo Loyola que é um narrador de suas experiências de vida e docência<sup>2</sup> em escolas do ensino fundamental e médio e nos aconselha e dá coragem, nos mostra a realidade que encontraremos fora da academia e nos permite experimentar. Ele nos desloca para derivas experimentais pelo campus, pela cidade, exposições, escolas centrais e de periferia. Nos conduz a enxergarmos o professor artista que somos e nos ensina com humildade.

<sup>3</sup> Quem narra sabe dar conselhos, segundo Benjamin e o conselho “tecido na substância viva da existência tem um nome: a sabedoria” (BENJAMIN, 1994a, p. 200-201)

<sup>1</sup>...é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. (FREIRE, P. 2006, p. 45)

A professora Rosvita, minha orientadora, que sempre acolhe, escuta, incentiva e indica a bibliografia certa para minhas questões e propostas.

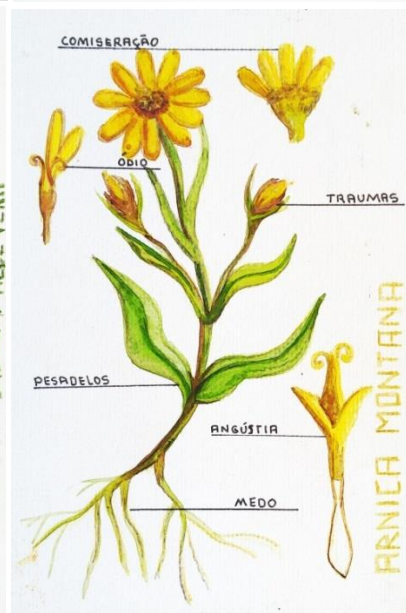
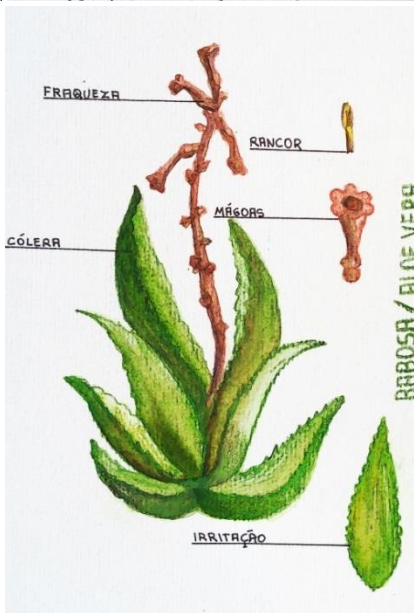
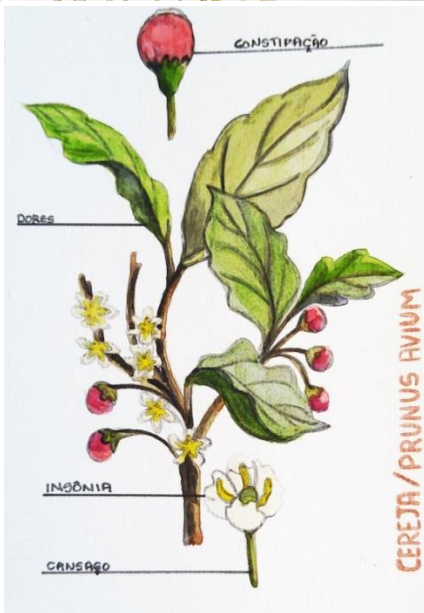
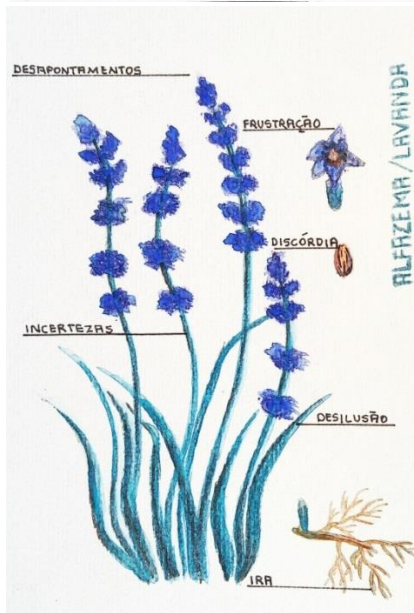
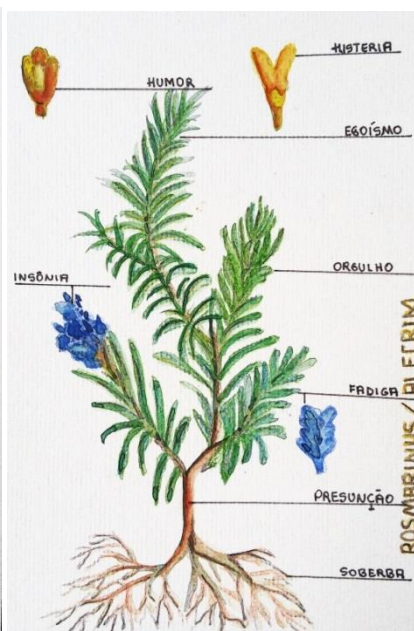
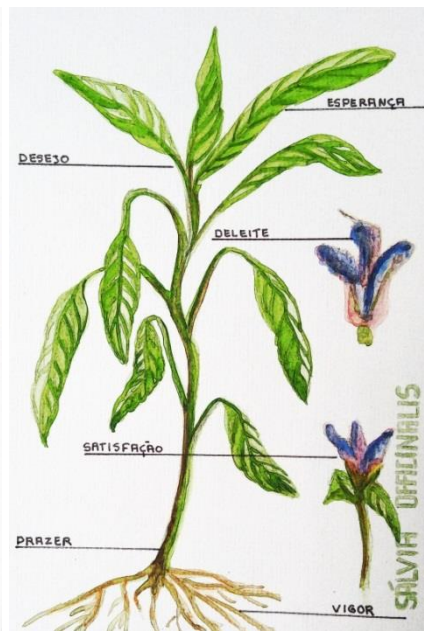
Somente quando li Hillman<sup>3</sup> descobri que a minha experiência estética do mundo se dá através das imagens que apreendo com o coração. Hoje não preciso mais elencar sinônimos de alma e coração ao falar da minha poética.

<sup>3</sup> Para Hillman em O pensamento do coração e a alma do mundo, a sustentação da alma está na imaginação. Segundo ele a psique é a alma e as estórias da alma se constroem através das imagens e imaginação (HILMAN, 2010).

IMAGENS ESCANEADAS DAS AQUARELAS QUE COMPÕE O LIVRO DE ARTISTA

*Cura* VERDE

2016



Fiquei órfão de azul e o verde adotou-me com gratidão.  
Foi aí que chorei desejos de virar mato e sair por aí brotando.  
Se eu verdejar e acomodar os bichos para alimentá-los posso virar canção.  
Grilos, sapos e besouros afoitos farão um coro.

## EU TEÇO O CIPÓ QUE ME TECE

Me interessa a inter-relação ser humano natureza como questão de sobrevivência. O ser humano morre a cada dia vivido, como a morte é inevitável, pensar sobre o fim é muitas vezes um desafio e um ato de coragem. Penso que a busca do sentido da vida seja para talvez amenizar a certeza da morte. Segundo Simons apud Barbosa, Francisco e Efken (2008) “a busca para o sentido da vida não é uma interrogação entre outras, mas é a interrogação por excelência, de onde emergem todas as outras porque implica a busca de si mesmo e de seu porvir.”

Essa condição humana de finitude não nos difere dos outros organismos vivos da natureza. O ser humano e o meio coexistem e se interdependem e mesmo assim, na maioria das vezes, nos referimos à natureza como algo a parte de nós e este pensamento provém talvez do desejo do ser humano em ter controle sobre a natureza.

Reflito incansavelmente sobre a finitude de meu corpo nesta relação ser humano/natureza. Crio formas orgânicas que me remetem a corpos da natureza em que misturo elementos naturais com industrializados: arame com cipó por exemplo. Nesta relação “Eu teço o cipó que me tece”, ao moldar o cipó tecendo-o eu reflito e rememoro circunstâncias da vida, as reelaboro ou não. Depois de moldar o cipó eu não sou mais a mesma pessoa nem o cipó o mesmo de quando o colhi na mata, ouve uma troca. Neste contexto estes corpos que crio são meu corpo que se auto reproduz: sou um corpo na natureza interagindo com o ecossistema em uma dinâmica de interdependência..

Esta dinâmica pra mim é resultado da *autopoiese* (MATURANA E VARELLA,1995) pois, entendo o meu corpo como organismo político autonomo que se auto reproduz, mas que depende também do meio em que vive, desloca, interage, apreende e realoca-se na natureza através das contingências do

<sup>1</sup>Assim nos diz Andrade em A Fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela:

Segundo a Autopoiesis, o que define um ser vivo enquanto tal é o fato de se produzirem continuamente a si mesmos, o que faz com que essa organização seja autopoietica, na medida em que ressalta a capacidade de autocriação da classe dos seres vivos e a dinâmica de relações em uma contínua rede de interações. “Os seres vivos se caracterizam por sua organização autopoietica. Diferenciam-se entre si por terem estruturas diferentes, mas são iguais em sua organização” (1995, P. 87)( ANDRADE, 2012, p. 110)

percurso da vida. Para Maturana os organismos se auto reproduzem mas também interagem uns com os outros e com o ambiente devido a sua interdependência<sup>1</sup>.

Com estes pressupostos desenvolvo três frentes de trabalho que são: esculturas (vestíveis ou não), objetos/instalações e pinturas.

Confecciono as esculturas de papel, tecido ou material orgânico que encontro na mata. Algumas são vestíveis, neste caso as visto em uma performance para câmera, o trabalho pode ser apreciado no registro fotográfico ou vídeo. As outras esculturas que faço são corpos extensão de meu corpo, que evidenciam meu pertencimento à natureza.

Os objetos e instalações geralmente são ossos, exoesqueletos de animais que encontro na natureza e os reordeno em uma montagem.

As pinturas eu desenvolvo em duas categorias: uma com plantas que curam a outra com plantas que vejo na natureza e que me remetem a órgãos do corpo humano. Em um processo uso somente aquarela, no outro uso aquarela, tinta acrílica e assemblage de imagens dos livros de anatomia humana.

Todas estas frentes de trabalho exploram uma interdependência com o meio; é um processo de reflexão narrativa onde a tecitura ser humano-natureza se transforma em esculturas orgânicas, pinturas e instalações.

Penso que ao elaborar meu trabalho espelhando-me na natureza estou encontrando um sentido pra vida e por este caminho ao enxergar a finitude do meu corpo, tento me recriar rememorando experiências vividas.



BAGUAL

Ferro fundido-aramé e bambu

Exposição na Biblioteca Central da  
UFMG

2018



“ARAPUCA” Ferro- cipó-carvão e arame



“COIVARA” Cipó e madeira

Exposição Biblioteca Central UFMG/2018



PAPIRUS

ESCULTURA VESTÍVEL

2017



ALLIUN  
ESCULTURA  
VESTÍVEL  
2017



BULBUS  
ESCULTURA  
VESTÍVEL  
2017



SPORUS  
ESCULTURA VESTÍVEL  
2017

Quanto brilho na sua cor onde as curvas serpenteiam.

Ai eu me lanço e vou ao teu verde encontro.

Suas folhas me sorriem e me engole a alma, sou feliz em gotas de azul anil continuas de encher um pote.

Seus braços são meu ninho e eu passarinho nem quero voar.



“SOU ÁRVORE”  
PERFORMANCE  
2018



“SOU BICHO”  
PERFORMANCE  
2018

## ARTISTAS QUE ME INSPIRAM

Ana Mendieta “Tree Of Life ” e “ Image From Yagul ”  
série Silueta, Body Art, 1973–77



Andy Goldsworthy “Riverstides”



Geraldo Loyola “ Fura Mundo” 2002 “O que te incomoda?” 2002



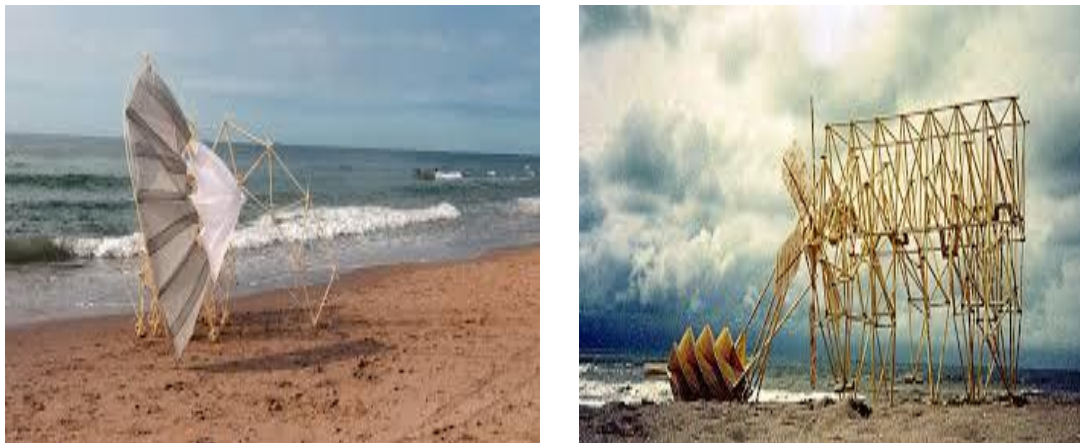
Martin L. Puryear- “Múltiplas dimensões” instalações 2008



Rebecca Horn - “Arm Extension” 1968 / «Máscara Lápiz», 1972



Theo Jansen “Strandbeest” 2017 - 2018



Caro leitor,

Como artista e professora percebi que ao relatar ou escrever minhas experiências pude compreender melhor os meus processos e percursos e os das pessoas com as quais convivi, me preparando assim para situações semelhantes que possa vivenciar no futuro.

Ao refletir sobre a relação entre o meu trabalho artístico e a docência como produção de conhecimento, estou me formando ao me questionar, me posicionar e me colocar na posição dos outros artistas e professores das minhas relações.

Como aprender e ensinar o que não experienciei, o que não vivi?

Então não aprendi!

Penso que todo o trabalho do artista e do professor é autobiográfico, no óbvio ou subjetivamente, porque, é impossível fazer algo sem a nossa marca, nossa impressão, nossa digital.

Até a receita do mais simples bolo com os mesmos ingredientes se diferencia pelas mãos que o misturam; e é certo que ao prepararmos esta mesma receita ao longo dos anos nos tornamos *experts* e seguros se desejarmos acrescentar um novo ingrediente à receita original.

Compreendi também que ao ler ou narrar estes mesmos fragmentos de minha história a fim de corrigir possíveis erros de grafia ou datas, me vejo acrescentando ideias que ao reler adquiri outra percepção.

Assim a cada dia que passa entendo melhor o que tenha ficado confuso ou obscuro neste percurso.

Segundo Saudelli:

“Heráclito diz em algum lugar que todas as coisas fluem e nada permanece e, comparando as coisas que são à corrente de um rio, diz que não podemos entrar duas vezes no mesmo rio”. De acordo com a recensão de Platão, Heráclito teria argumentado que toda a realidade flui como um rio no qual não se pode banhar duas vezes, provavelmente porque a segunda vez, tanto o homem como a água vão ser diferentes SAUDELLI,2011, p. 51 e 52)<sup>1</sup>.

Amanhã não serei a mesma sonia de hoje, vou me acrescentando experiências.

Finalizo citando Josso que tanto contribuiu para que eu compreendesse meu continuo processo como formador:

[...] a formação experiencial designa a atividade consciente de um sujeito que efetua uma aprendizagem imprevista ou voluntaria em termos de competências existenciais, instrumentais ou pragmáticas, explicativas ou compreensivas na ocasião de um acontecimento, de uma situação, de uma atividade que coloca o aprendente em interações consigo mesmo, com os outros, com o meio natural ou com as coisas, num ou em vários registros. (JOSSO, 2004, p.55)

Sonia Burgareli pereira

Belo Horizonte, 22 de junho de 2019

Continuo a minha viagem como mulher, mãe, artista e professora.

Me encontro no tridimensional.

Em corpo,

Alma e coração.

“ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” (BENJAMIN, 1986b , p. 205).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. C. DE. A fenomenologia da percepção a partir da autopoiesis de Humberto Maturana e Francisco Varela. **Griot : Revista de Filosofia**, v. 6, n. 2, p. 98-121, 14 dez. 2012. <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/538/259>

BARBOSA, AM. **A Imagem no Ensino da Arte**. 8 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010

BARBOSA, L N F, FRANCISCO, A L, EFKEN, K H . Morte e vida: a dialética humana. **Aletheia** 28, p.32-44, jul./dez. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n28/n28a04.pdf>

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas v.1)

BERNARDES, K R e OSTETTO, E L. ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PESQUISA, EXPERIMENTAÇÃO E AMPLIAÇÃO DE REPERTÓRIOS. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 40-52, maio/ago. 2016 – Acesso em 05/04/2019

BERNARDES, K R. **SEGREDOS DO CORAÇÃO: A ESCOLA COMO ESPAÇO PARA O OLHAR SENSÍVEL**. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n80/v30n80a06.pdf>  
Acesso em 23/04/2019

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CANTON, K. **Tempo e Memória**. São Paulo: Martins fontes, 2009

DELORY-MOMBERGER, C. (2008). **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, São Paulo: PAULUS.

DELORY-MOMBERGER, C. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto\* Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 359-371, maio/ago. 2006  
Université Paris 13/Nord

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed.; São Paulo: Centauro, 2006

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**; Disponível em [https://www.academia.edu/23888381/TRANSGRESS%C3%83O\\_E\\_MUDAN%C3%87ANA\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_OS\\_PROJETOS\\_D\\_E\\_TRA-\\_BALHO](https://www.academia.edu/23888381/TRANSGRESS%C3%83O_E_MUDAN%C3%87ANA_EDUCA%C3%87%C3%83O_OS_PROJETOS_D_E_TRA-_BALHO) – acesso em 20/06/2019

HILMAN, J. **O Pensamento do Coração e a Alma do Mundo**. Editora Versus. 2010

JOSSO, M C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LARROSA, J. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002b.

LOYOLA, F G. **PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR**: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte – 2016  
Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EBAC-A9GJ98/professor\\_artista\\_professor\\_\\_materiais\\_did\\_tico\\_pedag\\_gicos\\_e\\_\\_ensino\\_aprendizagem\\_em\\_arte.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EBAC-A9GJ98/professor_artista_professor__materiais_did_tico_pedag_gicos_e__ensino_aprendizagem_em_arte.pdf?sequence=1) Acesso em 23/03/2019

MARTINS, M C. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores**  
*Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista> educação Santa Maria, v. 31 - n. 02, p. 227-240, 2006 229 – Acesso em 25/04/2019*

PIMENTEL, L G. Abordagem Triangular e as narrativas de si: autobiografia e aprendizagem em Arte. 307 **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 307-316, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>

SAUDELLI, L. Heráclito Latino. 1 Um caso de estudo Universidade de Paris IV Sorbonne) trad. de Carlos Lemos (OUSIA) **ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA**, vol. V nº 9, 2011 ISSN 1982-5323  
Disponível em <http://www.afc.ifcs.ufrj.br/2011/Saudelli.pdf>

VELLOSO, L.. **O OFÍCIO DAS ASA É APROCURA DP VOO: TORNAR-SE PROFESSORA-ARTISTA**. Tese de doutorado. UNICAMPI Campinas 2019

VIGOTSKI, L.S **Teoria e método em psicologia**. 2. Ed. Tradução Claudia Berliner revisão Elzira Arantes. São Paulo: Martins Fontes, 1999

